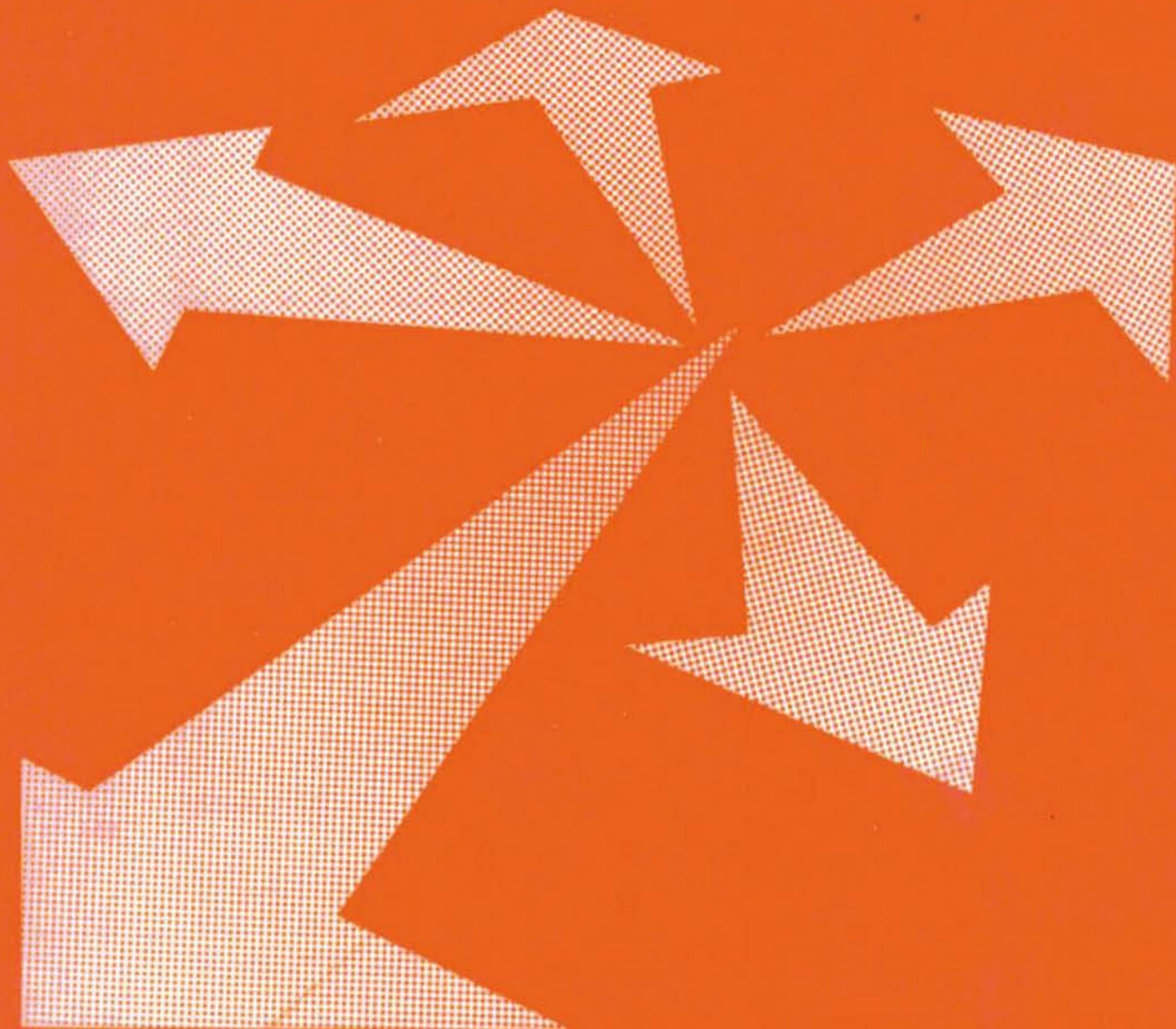


convergência

DEZ — 1982 — ANO XVII — Nº 158



-
- **JOÃO PAULO II AOS MINISTROS-GERAIS DAS ORDENS FRANCISCANAS,** João Paulo II — página 584
 - **LITURGIA E EDUCAÇÃO DA FÉ DO POVO DE DEUS**
Pe. Joviano de Lima Júnior, SSS — página 595
 - **RAÍZES DA CONSCIÊNCIA ECLESIAL DAS CEBs**
Pe. Álvaro Barreiro, SI — página 602

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Equipe de Programação:

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1982:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1982	Cr\$ 2.390,00
Exterior: marítima	US\$ 19,00
aérea	US\$ 27,00
Número avulso	Cr\$ 239,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

Tentativa de esterilizar, de forma visualmente artística, a figuração mental de uma como explosão centrífuga de vetores-força. A palavra de ordem do Evangelho é esta: "IDE por todo o mundo. Pregai o Evangelho a toda criatura", Mc 16, 15. IDE, amai-vos como Eu vos amei. Quem ama cumpre toda a lei. IDE, isto é, ser mis-

sionário, catequista, mensageiro, bandeirante, diplomata, caminheiro, bate-estrada, pioneiro. Como vê, IDE traduz força, movimento, energia, ação, dinamismo, empenho. A Vida Religiosa, nas suas raízes, é MISSÃO. É envio. É presença. Você, Religioso e Religiosa, ouviu, um dia, o chamado do Senhor. E se decidiu: "PRESENTEI Aqui estou. Eu vou Te acompanhar. E com meus irmãos, um mundo novo edificar". CONVERGÊNCIA, em 1982 — como sempre fez — quer ser ajuda para este comprometimento seu. Quer testemunhar o que Você espera, por toda parte, uma nova era de vida em plenitude. Creia. Deus é bom. Cada vez que se cansar e vir tanta coisa errada, confie. Não está sozinho. Conosco Deus quer partilhar. Seu amor é fiel, gratuito e forte. Com Deus se triunfa sempre. Até da morte.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	577
INFORME DA CRB	579
JOÃO PAULO II AOS MINISTROS-GERAIS DAS ORDENS FRANCISCANAS João Paulo II	584
LITURGIA E EDUCAÇÃO DA FÉ DO POVO DE DEUS Pe. Joviano de Lima Júnior, SSS	595
RAÍZES DA CONSCIÊNCIA ECLESIAL DAS CEBs Pe. Álvaro Barreiro, SJ	602
A CRIATIVIDADE COMO RESPOSTA AO SENHOR DA HISTÓRIA Frei Camilo Maccise, OCD	610
INCULTURAÇÃO Pe. Calisto Vendrame, MI	625
OS REDENTORISTAS: 250 ANOS DE FUNDAÇÃO Pe. Luís Kirchner, CSSR	636

EDITORIAL

As orações do Natal nos convidam a refletir sobre a atualidade do evento que se celebra: "Esta santíssima noite é iluminada por Deus com o esplendor de Cristo". "Hoje o Filho de Deus quis assumir a nossa natureza humana e o Salvador do mundo hoje nasceu." Qual o sentido destas expressões? Afinal que é o que celebramos no Natal? Incluído no calendário litúrgico como **memória**, o Natal corre o risco de ser considerado só como o dia natalício de Jesus, o seu aniversário a ser celebrado com alegria, pela importância que sua pessoa assumiu na história humana.

Mas a liturgia tem uma profundidade maior e nos convida a entrar mais a fundo no significado desta festa. É, sim, **memória**, mas no sentido sacramental: atualização de um acontecimento divino de salvação. Acontecido no passado histórico, este evento é trazido para o hoje da celebração e é visto como antecipação da sua plenitude futura. Por outro lado, o acontecimento do Natal não é estranho àqueles que se reúnem para celebrá-lo.

O nascimento de Jesus, no seu significado de inserção do Filho de Deus na história humana, acontece no hoje da assembleia celebrante, uma vez que "somos regenerados como filhos de Deus", "compartilhamos a vida divina do Filho", "somos trans-

formados no Cristo Filho de Deus". A encarnação redentora do Verbo continua na vida dos cristãos. A tensão espiritual da assembleia que celebra aponta para a conclusão, última desta história que, a partir do nascimento de Jesus, ganha uma nova orientação. Este menino que nasce faz-se anunciador de uma boa-nova para o mundo. Um dia, numa sinagoga de sua terra, Ele anunciará ungido para a missão de abrir os olhos aos cegos, os ouvidos aos surdos e curar as feridas de todos.

O Natal, pois, como toda celebração cristã, funda-se num fato histórico do qual fazemos **memória** e que aponta já um definitivo futuro do qual é profecia certa. Quer ser acontecimento do nosso hoje, que nos abre à iniciativa divina, à qual é preciso aderir com a conversão e corresponder com o compromisso de uma vida nova, na justiça, no amor, na luta pela fraternidade entre os homens.

Quando professamos, na festa de Natal, com inaudita alegria, o "Verbo se fez carne", cremos: Deus está totalmente aqui. Ele veio para sempre. Ele se chama Jesus de Nazaré. Esta palavra de amor divino feita carne não deixa o mundo indiferente. Tudo nele ganha um sentido novo. Nela manifestou-se o absoluto sentido do homem e da história.

Convergência deseja aos seus leitores uma celebração do Natal que seja **memória** em todo o significado da expressão. Que faça presente na sua história a libertação que este evento veio anunciar e inaugurar. Que seja Deus no meio de nós, tornando bom o nosso coração, fraterna a nossa convivência, justas as nossas estruturas, verdadeiro o nosso compromisso com o Reino.

A Igreja universal acaba de celebrar o **VIII Centenário de São Francisco de Assis**. Transcrevemos aqui, na íntegra, o texto da carta de **João Paulo II** aos Ministros-Gerais das Ordens Franciscanas, por ocasião desta data significativa para a grande família franciscana.

O artigo do **Pe. Joviano de Lima Júnior, SSS**, "Liturgia e Educação da Fé do Povo de Deus", focaliza o importante papel da liturgia na vivência de fé do cristão. Lembrando com Puebla que a liturgia constitui "momento privilegiado de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à libertação integral e autêntica", o autor nos leva a interrogar-nos pelo lugar que a liturgia deve ocupar no processo de educação da fé do povo de Deus, no hoje concreto da história.

"A Criatividade como Resposta ao Senhor da História" é o tema desenvolvido pelo **Frei Camilo Maccise, OCD**, na última assembléia da União Internacional das

Superiores Gerais (UISG), em Roma. Nele o autor expõe de maneira lúcida e questionante o caráter dinâmico do carisma da Vida Religiosa e insiste em que "para não identificar o carisma da Vida Religiosa com as formas culturais com que já nos identificamos em épocas anteriores à nossa, precisamos saber discernir com a coragem que nasce da liberdade confiante ou **parresia** que o Espírito comunica.

O artigo do **Pe. Alvaro Barreiro, SJ**, "Raízes da Consciência Eclesial das CEBs", constitui uma interessante reflexão sobre a origem eclesial das CEBs, que permite perceber com clareza e precisão como "desde o primeiro momento de sua existência as CEBs têm consciência de ser Igreja e querem continuar sendo Igreja".

Pe. Calisto Vendrame, MI, aborda, no seu artigo "Inculturação", este delicado e importante aspecto da evangelização. Com muita justeza afirma que "a inculturação é de uma importância decisiva para a evangelização dos povos no momento histórico que vivemos, a ponto de constituir tarefa prioritária e inadiável da Igreja".

Os Padres Redentoristas celebram este ano uma data jubilar de fundação. Este evento nos é comunicado no artigo do **Pe. Luís Kirchner, CSSR**: "Os Redentoristas: 250 Anos de Fundação".

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

PELAS REGIONAIS

CRB — BELÉM

Neste primeiro semestre de 1982, a CRB Regional Belém, na sua função de Animar, Promover e Coordenar a Vida Religiosa na região, desenvolveu as seguintes atividades:

Reuniões da DIRETORIA: Foram realizadas reuniões mensais, de 8:30 às 14:00 horas, incluindo o almoço, (cada mês em casa de um dos diretores em sistema de rodízio) nos dias 02/02 — 23/03 — 02/04 — 04/05 — 08/06, procurando viabilizar e avaliar as propostas da Assembléia Regional de 81.

RETIROS INTERCONGREGACIONAIS: Foram realizados dois retiros intercongregacionais: um em Macapá, com a participação quase total dos religiosos que atuam no Território do Amapá, tendo como pregador o Pe. Francisco Rubiaux, OMI e outro em Abaetetuba, tendo como pregador o Pe. João Maria van Doren, crúzio.

GTS — O GTS realiza encontros mensais. Realizou um seminário de 4 dias em conjunto com o Movimento Saúde Popular, no local Sagrada Família, em regime de internato. Houve a participação de vários religiosos da região e numerosos leigos, por um total de 85 pessoas.

— O GTS, com a Ir. Silvina, dominicana, à frente, organizou uma exposi-

ção de plantas de remédios caseiros que despertaram muito interesse nos participantes.

— Foi impressa a segunda edição da cartilha: "SAÚDE, lutando ela vem", em colaboração com o secretariado de Pastoral de Abaetetuba, com um total de 8.000 exemplares.

GRE: No mês de fevereiro, nos dias 12, 13 e 14, foi realizado um seminário sobre "Educação e Fraternidade", com o Pe. Taborda, com a participação de 80 religiosos.

— O grupo que tinha quase desaparecido, retomou vigor a partir da Assembléia Diocesana passando a se reunir como COMISSÃO DE EDUCAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE BELÉM.

FORMAÇÃO: FORMADORES: Os participantes que formam este grupo são religiosos(as) ligados diretamente com a formação "nas suas primeiras etapas". Realizam encontros mensais tendo como questionamento constante: "que tipo de formação para a VR? A reflexão caminha junto com a prática, dando acompanhamento de perto ao JUNINTER e através de um levantamento, iniciando o POSTULINTER. — De 28 a 30 de julho foi realizado um encontro sobre os "Novos Enfoques da VR Hoje" tendo como assessor a Ir. Carmelita de Freitas — da CRB Nacional.

JUNINTER: São realizados encontros mensais, todo 1º domingo, de 8 às 12 horas. O primeiro encontro foi de programação feito pelos mesmos junioristas presentes, que escolheram os temas, os assessores e os lugares onde realizar os encontros. Os temas foram os seguintes: **maio** — Fé e Política; **junho** — Exigências Cristãs de uma Ordem Política; **julho** (encontro) — Jesus Cristo (2 dias), Oração (1 dia), Retiro (1 dia), Vida Religiosa (1 dia); **agosto** — Doutrina Social da Igreja; **setembro** — Documentos atuais da Igreja; **outubro** — Realidade Amazônica; **novembro** — Novo Direito Canônico.

— De 27 de junho a 01 de julho foi realizado a semana do JUNINTER, no local "Educandário Eunice Weaver", em regime de internato. Os temas, citados acima (encontro), foram assessorados por: 1. A Pessoa de Jesus Cristo: Pe. Francisco Rubeaux, OMI. 2. A Oração Contemplativa de Jesus: Ir. Genoveva — Irmãzinha de Jesus. 3. A Vida Religiosa Hoje: Ir. Patrícia — de Recife.

— O encontro, na sua infra-estrutura, foi completamente assumido pelos participantes, destacando-se as Irmãs Maria de Jesus e Peregrina, no serviço de compras, alimentação, cozinha.

— Neste semestre, seja os encontros mensais, seja a semana, se fizeram presentes as seguintes congregações: Agostinianas Missionárias, Miss. de Jesus Crucificado, Irmãs de Jesus, Dorotéias, Adoradoras do Sangue de Cristo, Servas da Anunciação, Filhas da Caridade, Filhas do Coração Imaculado de Maria, Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, Franciscanas de Ingolstadt, Missionárias de Maria, Imaculado Coração de Maria e Capuchinhos.

POSTULINTER: Realizou-se dia 25 de abril o primeiro encontro de postulinter, promovido pelo grupo de Formadoras, juntando juvenistas e postulantes, ao qual seguiram mais dois encontros: nos dias 30 de maio e 27 de junho.

— A partir do mês de maio, encontros mensais estão se realizando também em Santarém, tendo uma boa participação.

— De 21 a 26 de julho, no Centro Educacional Sagrada Família, em Ananindeua, foi realizada uma semana tendo a participação das seguintes congregações: Agostinianas Missionárias (5), Salesianas (4), Salesianas dos SS.CC. (8), Franciscanas de São José (3), Miss. Coração Eucarístico (4), Missionárias de Maria (4), Legionárias (5).

Fizeram-se presentes também as formadoras de cada grupo, acompanhando as jovens, por um total de 9. Ajudaram na assessoria os padres Nicolau e Salvino e a Ir. Helena. O grupo achou que foi um bom passo que esta Regional deu no desejo concreto de ajudar as congregações a confiar na formação das jovens feita no próprio ambiente.

PASTORAL VOCACIONAL — Em conjunto com a CNBB regional, foi promovido o 1º encontro de pastoral vocacional, convocando os responsáveis das dioceses e/ou prelazias neste setor, nos dias 10 e 11 de junho. Participaram representantes das seguintes dioceses: Abaetetuba — Belém, Bragança — Conceição do Araguaia, Macapá — Soure.

A finalidade do encontro foi a de articular este trabalho a nível regional, ver o que se está realizando, procurar pistas comuns, preparar o encontro nacional e escolher os representantes pela CNBB e CRB regionais. Foram desig-

nados a Ir. Célia Rocha e Pe. Pedro João. Outro encontro foi marcado para setembro.

COORDENADORES DE COMUNIDADES: A partir de fevereiro, todo último sábado do mês, de 08 às 12 horas, estão sendo realizados encontros para coordenadores de comunidades de Belém e redondeza. A participação é boa e vai juntando cada vez mais participantes. O grupo tem uma coordenação de três religiosos que preparam o encontro seguinte e se revezam. A Ir. Maria Luiza, da diretoria da CRB, dá acompanhamento. Esta iniciativa está ajudando a desfazer a imagem que algumas congregações criaram da diretoria. Dentro deste grupo, surgiu a idéia de formar uma comissão de apoio ao MLPA para veicular

as notícias do movimento às comunidades religiosas da capital como do interior do Regional, à CRB Nacional e aos provinciais que têm religiosos na região.

PEQUENAS COMUNIDADES: Os religiosos que moram nas periferias de Belém e no meio popular, reúnem-se uma tarde por mês no IPAR. Os encontros são de reflexão sobre a realidade, a conjuntura política e nossa atuação como religiosos a serviço do Reino no meio do povo.

Foram realizados ainda: 3 dias sobre **ORAÇÃO:** de 09 a 11 de março. Assessor: Pe. Adriano — Lazarista. Na primeira semana de junho — 6 dias sobre **Introdução à Leitura da Bíblia.** Assessor: Pe. Francisco Rubeaux, OMI.

CONGRESSO SOBRE TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE DA CRUZ

De 15 a 22 de julho p.p., os Passionistas promoveram, em âmbito congregacional, um Congresso sobre Teologia e Espiritualidade da Cruz. Participaram do mesmo 149 religiosos e religiosas da Família Passionista, procedentes não apenas do Brasil, mas outrossim da Argentina, do Uruguai, do Chile, da Bolívia, do México e até da Bélgica e da Itália.

De acordo com o programa previamente elaborado, o Mistério da Cruz foi abordado pelos conferencistas sob os aspectos histórico, teológico, ascético e pastoral. As palestras foram bastante práticas, baseadas no carisma passionista e no Documento de Puebla, procurando apontar pistas para a vivência e apostolado da Congregação no ambiente em que vivemos nesta atribulada América Latina.

O elevado número de participantes veio demonstrar o interesse dos religiosos e religiosas passionistas em colaborar na pastoral de nossas igrejas locais na busca de meios para aliviar os sofrimentos de Cristo em seus membros, aqui e agora. Pois a Paixão do Senhor continua nos nossos pobres, nos nossos doentes, nos nossos operários mal retribuídos, nas crianças subnutridas e desamparadas, nos jovens desorientados, enfim em toda essa massa sofredora em cujo meio vivemos e que cumpre libertar de seus males. Todos estes problemas foram debatidos amplamente, quer nas palestras, como nos círculos de estudos, como um desafio ao carisma passionista. Inútil e infrutuosa seria a nossa meditação sobre a Paixão do Cristo Histórico, a nossa pregação passiológica, se não olhássemos e apontássemos para estes "Cristos atuais", que

prosseguem, gemendo, sua caminhada rumo ao Calvário. Cumpre tornar presentes cada vez mais as palavras de Cristo: "Todas às vezes que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer".

O Congresso realizou-se no Centro de Treinamentos de Líderes (Casa Passionista de Retiros), em Ponta Grossa, no Paraná. Entre os conferencistas estavam: o Pe. Mateo Perdia, presidente

da CLAR; o Pe. Hermínio Gil, missionário espanhol que trabalha há 10 anos na América Central; o Pe. Eugênio Delaney, provincial dos passionistas argentinos; o Pe. Costante Brovotto, italiano; o Pe. Pedro Lain, brasileiro, formado em Espiritualidade em Medellín e outros. Um dos frutos deste Congresso foi a realização, em outubro do próximo ano, em Itaici, de um Congresso Internacional da Fundação STAURÓS sobre o Mistério da Cruz.

DIRETÓRIO LITÚRGICO PARA 1983

Acaba de ser lançado o **Diretório Litúrgico** para 1983. Como nos anos anteriores, oferece modalidades diferentes de informação. Na primeira parte traz informações sobre a Organização da Igreja no Brasil; a CNBB e os Regionais; o elenco dos bispos e seus respectivos endereços. A segunda parte contém anotações gerais sobre liturgia

e o Calendário Litúrgico. Ambas as partes são de grande utilidade, não só para sacerdotes e religiosos que celebram a Santa Missa e rezam o Ofício, mas para todos os que buscam informações sobre a Igreja e a liturgia no Brasil. O **Diretório Litúrgico** pode ser adquirido em todas as livrarias católicas, a Cr\$ 200,00 o exemplar.

TENSÃO IGREJA / MUNDO NO CONTEXTO DOS TEMPOS MODERNOS

Promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil, em Itaici, de 9 a 12 de setembro, reuniram-se religiosos e religiosas de (38) Congregações para participarem do curso: **TENSÃO IGREJA/MUNDO NO CONTEXTO DOS TEMPOS MODERNOS**. Ministrado pelo Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, dentro de um enfoque **ANTROPOLÓGICO-CULTURAL**, o curso proporcionou aos participantes, uma visão inicial da problemática emergente do confronto da Igreja num mundo profundamente marcado, pela modernidade.

Através da tentativa de detectar a modernidade como realidade cultural (da

a modernização: processo de implantação da modernidade), o Pe. Marcello procurou evidenciar as raízes estruturais componentes desta modernidade, para daí tentar mostrar como ele se torna, para nós cristãos, um desafio para a evangelização: o processo de evangelização deve estar ligado ao processo cultural. Daí, o uso do termo **INCULTURAÇÃO**, significando o encontro do cristianismo com as várias culturas. Esta análise abre novas perspectivas para a evangelização e é um instrumento, que melhor aprimorado, será capaz de mostrar as contradições decorrentes de dominações culturais (que legitimam ou-

tras formas de dominação: política, econômica e etc...) e permitir que o cristianismo cresça a partir do homem, na sua autêntica e livre manifestação no processo de humanização da realidade, do mundo.

A participação dos religiosos, no curso, foi intensa e viva. O tema, centrado na antropologia cultural e apresentado numa linguagem referente à mesma, apesar de certos momentos de dificuldade de compreensão, não deixou de entusiasmar e levar à reflexão todos os

presentes. A seriedade da participação e empenho nos estudos, esteve presente uma vida de convivência fraterna e oração que muito enriqueceu o curso. Ao Pe. Marcello o nosso agradecimento por mais este trabalho realizado em prol da evangelização e a nossa palavra de incentivo para que ele continue trabalhando e nos ajudando, pelo estudo-pesquisa, na busca de caminhos novos para a instauração do Reino.

Pe. Antônio Carlos Maria Dias, SDB

LIVROS—1

CRB: DEZ ANOS DE TEOLOGIA

Publicações CRB/1982

— **Indique o caminho dominante da teologia nestes dez anos conforme o título do livro?**

Devo ser sintético, o que representa um risco. Indicarei alguns níveis de consciência da realidade aos quais correspondem níveis de reflexão teológica. 1. O questionamento sobre a **identidade** da Vida Religiosa pela Teologia da **Secularização** e da **Igreja local**. 2. Questionamento da **missão** da Vida Religiosa. 3. Questionamento da **práxis** da Vida Religiosa na Igreja e na sociedade. A reflexão teológica caminhou diretamente em busca do povo secundando e aprofundando as grandes opções da Igreja, iluminando e evitando radicalismos.

— **Este livro fala, então, das Comunidades Eclesiais da Base?**

Sim. É uma conclusão natural. As CEBs são um tema relevante para a Teologia. Os interesses das camadas populares, na sua origem, seu fortalecimento e sua sustentação estão estreitamente vinculados à Igreja e à Teologia.

Adquira este livro editado por **Publicações CRB**. Leia. Examine. Vai descobrir que vivemos num tempo de crise. De esperança sobretudo. O essencial aparece com mais clarividência. O acidental e periférico empalidece em sua consistência e validade. Abre-se um horizonte mais vasto. De arrancada feliz. Mais cheio de vida e de vivência de Deus. Não deixe de ler **CRB: DEZ ANOS DE TEOLOGIA (Pe. Marcos de Lima, SDB)**.

JOÃO PAULO II

AOS MINISTROS-GERAIS

DAS ORDENS FRANCISCANAS

Carta do Papa JOÃO PAULO II aos Ministros-Gerais das Ordens Franciscanas, por ocasião do VIII Centenário do nascimento de S. Francisco.

João Paulo II

Roma, Itália

Aos amados filhos João Vaughn, Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores; Vital Bommarco, Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores Conventuais; Flávio Carraro, Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos; Orlando Faley, Ministro-Geral da Ordem Terceira Regular de S. Francisco: ao completar-se o 8º século a contar do nascimento de S. Francisco de Assis.

JOÃO PAULO PP. II
Dilectos filhos,
Saúde e Bênção Apostólica

“Brilhava como estrela cintilante na escuridão da noite e quase como manhã espalhada sobre as trevas”: com estas palavras anunciou Tomás de Celano São Francisco de Assis, de cuja vida foi o primeiro historiador (1). Apraz-Nos repetir

este elogio, ao celebrar-se a memória do oitavo século completado a partir do nascimento deste homem ilustríssimo. Na verdade Nós, já no dia 3 de Outubro do ano de 1981, para iniciarmos o ano dedicado a celebrar a memória indicada, dirigimo-Nos pelas ondas radiofônicas a muitíssimos membros das quatro Famílias Franciscanas, a religiosa e a outros, que seguem o Pai Seráfico no caminho da vida, quando celebravam sagradas vigílias na Basílica Vaticana de São Pedro, e também na mesma altura aos numerosos fiéis, reunidos na igreja catedral de Assis, sob a direção do Bispo da mesma sé. Agora porém, quase continuando o mesmo assunto, propusemo-Nos colocar em relevo por meio desta Carta alguns pontos mais importantes do magistério evangélico, por ele apresentado, a comunicar, convosco e por meio de vós com o maior número de pessoas, a mensagem que o mesmo parece dirigir à maioria dos homens do nosso tempo.

No livro, em que estão apresentadas **flores escolhidas** da vida de São Francisco, o irmão Masseu, um dos seus primeiros discípulos, diz-se que uma vez lhe perguntou: "Por que é que toda a gente vem ter contigo?" (2). Decorridos oito séculos desde o nascimento do Santo de Assis, esta pergunta conserva a sua importância, há até maior razão para a fazer agora. Pois não só aumentou o número daqueles que se puseram a seguir melhor as suas pegadas, tomando a Regra por ele composta como norma da própria vida, mas também a admiração e o afeto ardente por ele — conforme costuma acontecer nas coisas humanas — longe de enfraquecerem com o decurso do tempo, mais a fundo se imprimiram nas almas e mais extensamente se propagaram; disso vêem-se os sinais impressos na espiritualidade cristã, na arte, na poesia e em quase todas as formas da cultura ocidental. A Itália, que se preza de ter dado a vida a tão grande homem, escolheu-o como seu principal Padroeiro junto de Deus, como também Santa Catarina de Sena, outra discípula sua de grande reputação. Depois a fama dele transpõe os limites da Europa, de maneira que não sem fundamento se lhe podem aplicar as palavras do Evangelho: "Onde quer que esta Boa Nova for anunciada em todo o mundo, repetir-se-á também, em sua memória, o que ele fez" (3).

Francisco, na verdade, mostra-se tal que todos concordam com ele, pois todos os que tiverem conhecido a sua maneira de viver, aprovam unanimemente o exemplo de

vida humana por ele proposto. Portanto não parece fora de propósito este ano, consagrado à sua memória, repetir com simplicidade de espírito a pergunta formulada pelo irmão Masseu: por que é que toda a gente vem ter com Francisco de Assis?

A esta pergunta pode ao menos em parte responder-se afirmando que os homens admiram este Santo e amam terem sido feitas nele — e de maneira acima de toda a comparação — aquelas coisas que mais estimam, mas que muitas vezes não podem conseguir na sua vida; são a alegria, a liberdade, a paz, a concórdia entre os homens e mesmo entre as coisas.

II

Na verdade, todas estas coisas e outras brilham com singular esplendor na vida do Pobre de Assis.

Primeiramente resplandece a **alegria**, pois Francisco é muito conhecido como homem inundado pela perfeita alegria. Em toda a sua vida "teve o mais alto e perfeito empenho em estar sempre solícito interiormente e em ter (e) conservar em si exteriormente a alegria espiritual" (4).

Muitas vezes, como dizem os documentos históricos, não pôde dominar o ardor da alegria, que o solicitava interiormente de modo que à maneira de um cantor errante, imitando com pedaços de madeira os tocadores do instrumento musical chamado "viela" cantava os louvores de Deus em francês (5). A alegria, de que estava cheio Francisco, veio da admiração com que,

devido à simplicidade e inocência da sua alma, contemplava todas as coisas e os acontecimentos; mas derivou sobretudo da esperança que alimentava no coração e o levava a exclamar: “Tão grande é o bem que espero, que toda a pena me deleita” (6).

Embora quase nunca usasse a palavra **liberdade**, a sua vida inteira foi deveras uma singular mostra da liberdade evangélica. De todo o seu modo de proceder e de toda a sua iniciativa transpareciam a interior liberdade de espírito e o espontâneo hábito da mente, que fez da caridade a lei suprema e o instrumento de plena adesão a Deus. Uma das numerosas provas deste proceder é a liberdade que de acordo com o Evangelho, concedeu aos seus irmãos, de comerem de todos os alimentos que lhes fossem apresentados (7).

A liberdade, porém, que Francisco seguiu e louvou de maneira nenhuma se opõe à obediência à Igreja e mesmo “a todos os homens, que estão no mundo” (8), mas, pelo contrário, desta mesma procede. Pois aquela forma perfeita e original do homem, em virtude da qual é livre e senhor do universo, brilha nele com luz especial (9). Nisto também se encerram aquela singular familiaridade e docilidade, que todas as criaturas mostravam a este Pobre de Cristo. Daí resultou escutarem os pássaros a sua pregação sagrada (10), tornar-se manso — segundo a conhecida narração — o lobo (11), e até o fogo, mitigando os seus ardores, tornar-se “curial”, quer dizer afável (12). E assim, como o citado

primeiro historiador da sua vida afirma, “percorrendo o caminho da obediência e abraçando perfeitamente o jugo da divina sujeição, na obediência das criaturas conseguiu diante de Deus grande dignidade” (13). Mas a liberdade de São Francisco provém sobretudo da pobreza voluntária, com que se eximiu de toda a cobiça terrena e de toda a solitudine, de maneira que se tornou um daqueles homens que, segundo as palavras do Apóstolo, “nada tendo, tudo possuem” (14).

Francisco, além de ser homem insigne por perfeita alegria e por liberdade, não deixa de ser venerado como suavíssimo amante **da paz e da fraternidade universal**. Mas a paz, que Francisco gozava e distribuía, vem de Deus como de fonte, a quem ele se dirigiu com estas palavras: “Tu és a mansidão, tu és a segurança e tu és o sossego” (15). Esta paz reveste forma humana e energia em Cristo Jesus, que é “a nossa paz” (16): n’Ele, como escreveu Francisco seguindo São Paulo, “as coisas que estão nos céus e as que estão na terra foram pacificadas e foram reconciliadas com Deus onipotente” (17). “O Senhor te dê a paz”: com estas palavras, ensinado por divina revelação, saudou todos os homens (18). Foi verdadeiramente “pacífico” (19) ou conciliador e autor da paz — homem daqueles que são chamados felizes no Evangelho — porque todo o assunto das suas palavras tendia a extinguir inimizades e a reformar os compromissos de paz (20). Chamou à paz e à concórdia as classes de cidadãos da mesma cidade, que lutavam entre si até ao sangue, pondo em fuga

com as suas preces os demônios, fautores de discórdia (21). Entre as cidades separadas pela discórdia, entre o clero e o povo, e ainda, segundo se diz, entre os homens e os animais, estabeleceu a paz. Todavia a paz, segundo a persuasão de Francisco, consegue-se dando o perdão; por isso, para levar a que iniciassem a paz o governador da cidade de Assis e o bispo da mesma sé, que entre 'si questionavam, mandou juntar ao cântico do irmão sol estas palavras bem conhecidas: "Sejas louvado, meu Senhor, por causa daqueles que perdoam devido ao amor por ti" (22).

Francisco não julgava ninguém inimigo, mas considerava cada um seu irmão. Por isso, todas as barreiras, devido às quais os homens daqueles tempos estavam separados entre si, aconteceu que as ultrapassasse e que anunciasse o amor de Cristo aos próprios Sarracenos, lançando nas almas como que sementes da vontade de quem estava inclinado a tratar, e a estabelecer o ecumenismo entre homens diferenciados por cultura, por linhagem e por religião, que são das coisas mais importantes, no sentido das quais a nossa época progrediu. E, além disso, ampliou este sentimento de fraternidade universal até todas as coisas criadas, mesmo inanimadas: o sol, a lua, a água, o vento, o fogo e a terra, as quais, segundo os gêneros de cada uma, chamou irmãos e irmãs, e amou com certa reverência suave (23). A respeito disto, assim encontramos escrito sobre ele: "Abrange todas as coisas com afeto de inaudita dedicação, falando-lhes do Senhor e exortando-as a louvá-lo (24). Con-

siderando estas coisas com o espírito e desejando satisfazer os desejos daqueles que hoje com razão têm a solicitude das coisas da natureza, nas quais os homens vivem, com a Carta Apostólica do dia 29 de Novembro de 1979, autenticada com o anel do Pescador, declaramos São Francisco de Assis celestial Padroeiro de todos os cultores de ecologia (25). Todavia o exemplo de Francisco neste assunto constitui ao mesmo tempo certíssima prova de as criaturas e os elementos não se isentarem de injusta e prejudicial violação, a não ser que, brilhando a luz bíblica da criação e da redenção, sejam vistas como criaturas, a respeito das quais o homem tem deveres, não sendo entregues ao seu arbítrio, mas que juntamente com ele esperam e desejam "ser libertadas da servidão da corrupção para participarem livremente da glória dos filhos de Deus" (26).

III

Até agora tratamos dos pontos, devido aos quais o gênero humano se gloria com razão de Francisco de Assis, nem se cansa de o admirar, isto é, da alegria, da liberdade, da paz e da fraternidade universal. Se nos detivéssemos nisto apenas, tratar-se-ia de uma admiração vã, que teria pouco ou nenhum valor para ensinar aos homens, nossos contemporâneos, sobre o modo de conseguir os mesmos bens que foram indicados mais acima; seria precisamente a mesma coisa que desejar recolher frutos, não fazendo caso do tronco e da raiz da árvore.

Portanto, a fim de que a celebração da memória do oitavo século, terminado a contar do nascimento de São Francisco, desperte verdadeiramente as consciências e nelas, por assim dizer, imprima vestígios, é necessário procurar as raízes para se conhecer como a vida do seráfico varão conseguiu produzir tão admiráveis frutos. Na verdade, a paz, a alegria, a liberdade e o amor não foram ao acaso dados a Francisco pela sorte ou pela natureza e lhe adornaram a alma, mas sim pelo propósito feito e pelo caminho austeríssimo, que ele resume com estas palavras "fazer penitência", como no princípio de seu **Testamento** escreveu: "O Senhor assim me concedeu a mim, irmão Francisco, começar a fazer penitência: estando em pecados, afigurava-se-me demasiado amargo ver leprosos. Mas o próprio Senhor levou-me para o meio deles e usei de misericórdia com os mesmos. Ao apartar-me, o que me parecera amargo, transformou-se para mim em doçura da alma e do corpo; e em seguida parei algum tempo e saí do século" (27).

"Fazer penitência" ou "viver na penitência": multiplicam-se sobretudo estas palavras nos escritos de São Francisco, pois resumem muito bem toda a sua vida e a sagrada pregação. Tratando-se de ordenar retamente a vida nova — sem dúvida num tempo de grande responsabilidade — ele, pedindo conselho a Cristo, abriu o livro do Evangelho e encontrou nele expressa a seguinte resposta do Senhor, com a qual depois se conformou até à morte: "Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo" (28).

Na verdade, a abnegação de si mesmo foi o caminho, pelo qual Francisco encontrou a sua "alma" ou vida (29). Conseguiu a alegria sofrendo trabalhos, a liberdade obedecendo e negando-se completamente a si mesmo, o amor para com todas as criaturas porque se odiava a si mesmo, isto é, como ensina o Evangelho, porque venceu o amor de si mesmo. Uma vez caminhando, explicou a frei Leão que a verdadeira alegria está em sofrer qualquer aspereza e tribulação por amor de Cristo (30).

"Viver na penitência", segundo São Francisco, vale o mesmo que reconhecer o pecado em toda a sua gravidade: manter-se constantemente diante de Deus na penitência; e transferir para a prática da vida com austero esforço ascético o sentimento de corrupção e de dor. Nisto progrediu ele tanto que, antes de morrer, quase pediu perdão, confessou "ter pecado muito contra o irmão corpo", por o ter afligido em vida com tanto emagrecimento (31).

Este caminho, que Francisco seguiu, chama-se com brevidade na linguagem cristã cruz. Ele foi e ainda agora é arauto e mensageiro, por meio do qual a Igreja é levada com a maior firmeza para os primários frutos que obtém a pregação da cruz, como se Deus por meio do Seu pobre servo Francisco quisesse plantar de novo a árvore da vida "no meio da cidade" (32), isto é, no meio da Igreja. Por isso, este ano, dedicado à memória do mesmo Santo, indo Nós em peregrinação ao seu sepulcro, dirigimo-lhe a seguinte oração: "O oculto

fundamento das tuas riquezas espirituais estava depositado na cruz de Cristo... ensina-nos, como o apóstolo Paulo o ensinou a ti, que esteja longe de nós gloriarmo-nos a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (33).

Cristo crucificado foi o guia do caminho para Francisco desde o princípio da sua vida até ao fim; e até no monte Alverne lhe imprimiu exteriormente os sagrados estigmas, de maneira que ele, também diante dos olhos dos homens, "foi visto como crucificado" (34). Francisco reproduziu completamente e conformou-se com o modelo do Crucificado, e a causa mais importante por que se deu à suma pobreza foi o seguimento de Cristo. Estando já perto da morte, resumiu a sua singular experiência espiritual nestas simples e altíssimas palavras: "conheço Cristo pobre crucificado" (35). Na verdade, desde que se converteu a Deus, viveu continuamente como quem está marcado pelos estigmas de Cristo.

Voltemos portanto à pergunta feita no princípio: "Por que é que toda a gente vem ter contigo?". Já está claramente declarada a resposta, encerrada nestas palavras de Jesus Cristo: "Eu, quando for levantado da terra atrairei todos a Mim" (36). Realmente, todos os homens são atraídos para Francisco de Assis, porque ele, seguindo o seu Mestre divino, quis de algum modo "ser levantado da terra", isto é, ser crucificado, de maneira que já não vivesse ele, mas Cristo nele, se é lícito transferir para o mesmo as palavras do Apóstolo (37).

Os homens do nosso tempo esforçam-se com todas as energias por suprimir a dor; mas de nenhum modo o podem conseguir; pelo contrário são com tanta maior veemência crucificados por angústias, quanto mais ativamente se esforçam por levar a que desapareçam as principais, segundo julgam, causas de dor. Mas São Francisco, usando poucas palavras, mas recomendado pela imensa autoridade da sua vida, aponta para a vida cristã, que a isso leva. Trata-se, numa palavra, de levar a que desapareça a causa última da dor e da injustiça, que é o pecado, sobretudo o pecado do amor desordenado de si mesmo. Se, por assim dizer, crucifica o amor próprio, o homem vence aquele egoísmo, em virtude do qual pensa em si só, não fazendo caso dos outros e ocupando-se unicamente da sua própria utilidade. E, por assim dizer, quebra a roda férrea da velhice e da morte, entrando num novo círculo, no meio do qual está Deus e em cuja área se encontram incluídos todos os irmãos; torna-se, numa palavra, "nova criatura em Cristo" (38).

Tomando isto em conta, o ano dedicado à memória do nascimento de São Francisco, que se aproxima do fim, parece ser providencial preparação do Sínodo dos Bispos, que irá celebrar-se em 1983, no qual foi proposto o seguinte argumento: "Sobre a reconciliação e a penitência na missão da Igreja". O Santo, que experimentou a singular fecundidade do propósito feito de "fazer penitência", nos consiga também a nós, cristãos destes tempos, o dom de compreender com

o espírito a verdade, graças à qual não nos podemos tornar homens novos — que beneficiem de alegria, liberdade e paz — a não ser que humildemente reconheçamos o pecado que está em nós, a não ser que nos purifiquemos no banho da verdadeira penitência e depois “produza os frutos de sincero arrependimento” (39).

IV

Esta carta, com que nos ocupamos do oitavo século decorrido a partir do nascimento de São Francisco, não queremos terminá-la sem falar do especial respeito do mesmo Santo para com a Igreja e dos vínculos de dedicação e amizade, pelos quais, à maneira de filho estava unido com os Romanos Pontífices do seu tempo.

Persuadido como estava, de aquele que não “junta” com a Igreja, “dispersa” (40), o homem de Deus desde o começo teve a peito que a sua obra fosse confirmada e defendida com a aprovação e defesa “da Santa Igreja Romana”. Tal propósito declarou-o com estas palavras na sua Regra: “para que — sempre súditos e sujeitos aos pés da mesma santa Igreja, estáveis na fé (cf. Cól: 1,23) católica — observemos a pobreza e a humildade e o santo evangelho do Senhor nosso Jesus Cristo, como firmemente prometemos” (41).

O primeiro historiador da sua vida afirma dele: “Pensava que, entre todas as coisas e acima delas, havia de guardar-se, venerar-se e imitar-se a fé da santa Igreja Romana, na qual unicamente está a

salvação de todos os que se hão-de salvar. Venerava os sacerdotes e abrangia com o maior afeto toda a classe eclesiástica” (42).

E a Igreja pagou a confiança em si depositada pelo Pobre de Cristo não só aprovando a sua Regra, mas também dedicando-lhe especial honra e benevolência. Falamos deste amor de Francisco para com a Igreja, quando no princípio do ano, notabilizado pela memória do Santo, publicamos a referida mensagem, dizendo entre outras coisas o seguinte: “o carisma e o dom profético do irmão Francisco levavam a que se mostrasse de maneira expressa que o Evangelho foi entregue à Igreja, que se há-de viver dele e se deve ele aplicar sobretudo na prática da vida de cada dia e tem de servir de exemplo à Igreja, com a concordância e o apoio da mesma Igreja” (43).

Porém as condições da vida, que a Igreja agora atravessa, parecem insinuar que se examine mais diligentemente como São Francisco teve naqueles tempos parte ativa nas coisas da Igreja. Esses tempos eram notáveis e excepcionais pois se propunha com grande esforço a renovação litúrgica e moral da própria Igreja; tal esforço chegou ao cume com o IV Concílio Ecumênico Lateranense, celebrado no ano de 1240. Ainda que não conste ao certo que Francisco tenha participado nas sessões do mesmo Concílio universal, não há todavia nenhuma dúvida que teve perfeito conhecimento dos excelentes propósitos e das consultas do Concílio, e que ele e a Ordem que fundara prestaram notáveis serviços para que fosse aplicada a renova-

ção, delineada pelo Concílio. Sem dúvida aos cânones do mesmo Concílio universal e à carta do Papa Honório III se refere manifestamente aquela piedosa discussão, relativa à Eucaristia, com a qual o Santo de Assis se esforçou para que aumentasse o decoro nas igrejas, nos tabernáculos e nos vasos sagrados, mas sobretudo para que se revigorasse o amor para com o Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (44).

Além disso, Francisco abraçou a resolução de renovar a penitência, que o Papa Inocêncio III propôs, ao dirigir-se aos presentes na inauguração do Concílio Lateranense. Em tal discurso aquele Sumo Pontífice, notabilíssimo Predecessor Nosso, exortou todos os cristãos, sobretudo os clérigos, a introduzirem a renovação espiritual, a conversão para Deus e a emenda dos costumes; e usando as palavras proféticas do capítulo IX de Ezequiel, afirmou que a letra Tau (última letra do alfabeto hebraico, que apresenta a forma de cruz) é o sinal daqueles que “crucificaram a carne com as suas paixões e apetites” (45), e gemem e sofrem com se apartarem os homens de Deus: “Traz este sinal na frente aquele que mostra na prática o valor da cruz” (46).

Dos lábios do Romano Pontífice recolheu São Francisco e aplicou a si este impulso à purificação e renovação que se devia operar na Igreja. Na verdade a partir daquele dia — como foi relatado — teve em honra especial o sinal Tau; escreveu-o à mão no fim das próprias cartinhas — como no bilhete diri-

gido ao frei Leão —, gravou-o nas celas dos frades e recomendou-o nas suas exortações, “como se — conforme diz São Boaventura — todo o seu empenho fosse, segundo a expressão profética, marcar um Tau nas frentes dos que gemem e sofrem, verdadeiramente convertidos a Cristo Jesus” (47).

Estas e outras coisas mostram que Francisco se propôs que a sua obra servisse humildemente às resoluções de renovação espiritual, que tinha decidido a Hierarquia. Para que se aplicassem contribuiu ele com a sua santidade, que foi ajuda a que nenhuma coisa se podia substituir. Como antes se tivesse disposto completamente a obedecer ao Espírito Santo, porque se tornava semelhante a Cristo Crucificado, quase se tornou instrumento, de que usou o próprio Espírito Santo para renovar interiormente a Igreja e para que ela fosse “santa e imaculada” (48). O homem de Deus, movido “por divina inspiração” — como ele próprio costumava afirmar —, isto é, impelido pelo fervor do Espírito Santo, fez tudo isto; em tudo procurou “o Espírito e a vida” (49), palavras de São João que estimava repetir. Daqui brotou, de fato, admirável força renovadora, que estava presente na sua pessoa e vida (50). Assim se tornou ele verdadeiro promotor da renovação da Igreja, não pela repreensão e censura, mas pela santidade.

A época que a Igreja atravessa agora, por alguns motivos é semelhante ao século em que viveu São Francisco. O Concílio Ecumênico Vaticano II publicou muitos decre-

tos e conselhos para renovar a vida cristã. Todavia, como escrevemos há pouco na Carta ao decorrerem 1.600 anos a contar do I Concílio de Constantinopla e 1.550 anos do Concílio de Éfeso, "toda a obra da Igreja, que tão providencialmente persuadiu e começou o Concílio Vaticano II... não se pode realizar senão no Espírito Santo, isto é, graças à Sua luz e à Sua força" (51). Mas esta ação do Espírito Santo, que tem enorme importância, não se realiza ordinariamente senão por homens, em cujos ânimos o Espírito de Cristo tenha plenamente descido, homens que se tenham tornado como instrumentos d'Ele, de maneira que O possam transfundir, embora de modos diferentes, nos irmãos.

Assim a memória do nascimento de São Francisco, que este ano celebramos com solenidades, parece-Nos, atendendo às idéias acima expostas, uma singular graça concedida por Deus à Igreja precisamente nestes tempos. Com este dom, sobretudo o movimento dos fiéis e as energias novas, que hoje Deus suscita, são advertidos a que, esforçando-se ativamente dentro da Igreja, tudo façam — como Francisco — para deixarem de insistir nos próprios e peculiares projetos de renovação, mas para fazerem servir com humildade o carisma, a si dado, às determinações tomadas pela Igreja no Concílio Vaticano II. Hoje, como nos tempos de São Francisco, são necessários homens, que tenham chegado à novidade de vida pela comunhão nos sofrimentos de Cristo (52) e dos quais o

Espírito possa usar livremente para edificar o Reino. Não acontecendo assim, há perigo de as prescrições e as normas diretivas, ainda que ótimas, do mesmo Concílio universal ficarem ineficazes ou pelo menos não produzirem aqueles frutos que se esperam para bem da Igreja.

Esta exortação dirige-a a Igreja a todos os seus filhos, sobretudo àqueles que, oferecendo-se esta ocasião, resolveram seguir mais de perto as pegadas do Pobre de Assis na variedade das Ordens e dos Institutos, que o têm como fundador ou se esforçam por seguir a sua maravilhosa forma de vida. A Igreja espera que eles, inflamados pelo novo ardor dos espíritos, com a sua santidade contribuam para o progresso da mesma, de maneira que de algum modo seja ressuscitado aquele grande dom que foi comunicado ao mundo no passado, por meio de São Francisco de Assis.

Baseado nesta esperança, a vós, diletos filhos, e às Famílias religiosas que dirigis, como também às monjas e às religiosas franciscanas, e a todos os membros da Ordem Terceira do mesmo São Francisco, de todo o coração concedemos a Bênção Apostólica, como penhor de celestiais graças e testemunho do Nosso amor.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 15 do mês de Agosto, na solenidade da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria, no ano de 1982, quarto do Nosso Pontificado.

JOHANNES PAULUS PP. II

NOTAS

(1) *Vita prima Sancti Francisci*, n. 37; *Analecta Franciscana*, 10, Ad Claras Aquas 1926-1941, p. 29. (2) Cf. *Actus beati Francisci et sociorum eius*, ed. P. Sabatier, Paris 1902, 10, p. 40; cf. também *I Fioretti di San Francesco*, ed. B. Bughetti, Firenze 1926, 10, p. 55 s. (3) Cf. Mt. 26, 13. (4) "*Legenda antiqua S. Francisci*". Texte du Ms. 1046 (M. 69) de Pérouse, édité par le P. F.-M. Delorme, Paris 1926, n. 97, p. 56; cf. também *Compilatio Assisiensis*, preparada por M. Bigaroni, Porziuncola 1975, n. 120, p. 384; *Scripta Leonis, Rufini et Angeli sociorum S. Francisci*, ed. R. B. Brooke, Oxford 1970; n. 97, p. 260. (5) Cf. Thomae de Celano *Vita secunda S. Francisci*, n. 127; *Analecta Franciscana*, p. 205. (6) "E como tema propôs isto em língua vulgar: "Tanto è il bene ch'io aspetto, ch'ogni pena m'è diletto". O sentido é: Tão grande é o bem que espero, que toda a pena me deleita: *Actus beati Francisci et sociorum eius*, 9, p. 31; cf. *De conformitate vitae beati Francisci ad vitam Domini Iesu*, auctore Fr. Bartholomaeo de Pisa: *Analecta Franciscana* 1, 479; *Considerazioni sulle stimmate*, I: *Fonti Francescane*, Assisi 1977, n. 1897. (7) *Regula bullata* 3, 14: "E segundo o santo Evangelho, de todos os alimentos, que lhes são servidos, seja lícito comer (cf. *Lc*, 10, 8)". Cf. *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis* (Bibl. Franc. Ascetica Medii Aevi, 12), ed. K. Esser, Grottaferrata 1978, p. 230. (8) *Salutatio Virtutum*, 14-16; *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 303. Cf. *Fonti Francescane*, n. 258; 1 *Ped.* 2, 13. (9) Cf. *Gên.* 1, 28; *Sab.* 9, 2-3. (10) Cf. Thomae de Celano *Vita prima S. Francisci*, n. 58; *Analecta Franciscana*, 10, 44 s.; *Fonti Francescane*, n. 424. (11) Cf. *Actus beati Francisci et sociorum eius*, 23, pp. 77-81: *De lupo ferocissimo per sanctum Franciscum reducto ad magnam mansuetudinem*; *I Fioretti di San Francesco*, 21; *Fonti Francescane*, n. 1852. (12) Thomae de Celano *Vita secunda S. Francisci*, n. 61; *Analecta Franciscana*, 10, 47; cf. *ibid.* n. 166, 227: "... Irmão meu fogo... sê-me nesta hora propício, sê-me afável!" (15) Thomae de Celano *Vita prima S. Francisci*, n. 61; *Analecta Franciscana*, 10, 47. (14) 2 *Cor.*

6, 10. (15) *Laudes Dei Altissimi*, 4: *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 90. (16) *Ef.* 2, 14. (17) *Epistola toti Ordini missa*, 13: *Opuscula Sancti Patris Francisci*, 140; cf. *Col.* 1, 20. (18) *Testamentum*, 23: "O Senhor revelou-me a saudação, para que disséssemos: Dê-te o Senhor a paz": *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 311 s. (19) *Mt.* 5, 9. (20) Thomas de Spalato, *Historia Pontificum Salonitarum et Spalaten-sium*, ed. Heinemann: *Monumenta Germaniae historica Scriptores*, XXIX, p. 580. Cf. *Testimonia minora saeculi XIII de S. Francisco Assisiensi*, ed. H. Boehmer-F. Wiegand-C. Andresen, Tübingen 1961, p. 72; *Fonti Francescane*, n. 225. (21) Cf. Thomae de Celano *Vita secunda S. Francisci*, n. 108; *Analecta Franciscana*, 10, p. 194. (22) *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 88, Cf. *Mt.* 6, 12. O Cântico do irmão sol foi composto em língua vulgar; cf. *Legenda antiqua S. Francisci* (*Legenda Perusina*), ed. P. F.-M. Delorme, 44, p. 27; *Scripta Leonis, Rufini et Angeli sociorum S. Francisci*, ed. R. B. Brooke, p. 168; *Fonti Francescane*, n. 1593. (23) Cf. Thomae de Celano *Vita prima S. Francisci*, nn. 77-80, 81; *Analecta Franciscana*, 10, 57-60. (24) Thomae de Celano *Vita Secunda S. Francisci*, n. 165; *Analecta Franciscana*, 10, 226. (25) Cf. *AAS* 71, 1979, p. 1509. (26) Cf. *Rom.* 8, 21. (27) *Testamentum*, 1-3: *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 307 s. (28) Cf. Thomae de Celano *Vita secunda S. Francisci*, n. 15; *Analecta Franciscana*, 10, p. 140; *Mt.* 16, 24; *Lc.* 9, 23. (29) Cf. *Mt.* 10, 39. (30) Cf. *De vera et perfecta laetitia*, 15: *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 324-326. Cf. também *S. Francisci Admonitic*, 5, 8; *ibid.*, 67; *I Fioretti*, 8; *Fonti Francescane*, n. 1836. (31) Cf. *Legenda trium Sociorum*, n. 14, ed. T. Desbonnet; *Archiv. Franc. Hist.* 67, 1974, 100. (32) Cf. *Apoc.* 22, 21. (33) Cf. o diário *L'Observatore Romano*, 13 de março de 1982. (34) Cf. *Gál.* 3, 1. - Cf. também Thomae de Celano *Vita prima S. Francisci*, n. 112; *Analecta Franciscana*, 10, 88: "Res-saltava verdadeiramente nele a forma da cruz e da paixão do Cordeiro imaculado, que lavou os crimes do mundo, parecendo como que pouco antes descido da cruz, tendo as mãos e os pés trespassados pelos cravos, e o lado direito

como que ferido pela lança". (35) Thomae de Celano *Vita secunda S. Francisci*, n. 112: *Analecta Franciscana*, 10, p. 192. (36) Jo. 12, 32. (37) Cf. Gál. 2, 20. (38) Cf. 2 Cor. 5, 17. (39) Cf. Lc. 11, 23. (41) *Regula bullata*, 12, 4; *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, 237. (42) Thomae de Celano *Vita prima S. Francisci*, n. 62: *Analecta Franciscana*, 10, 48. (43) Cf. AAS 73, 1981, p. 731 (3 de outubro de 1981). (44) Cf. Concilium Lateranense IV, cann. 19-20: *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, curantibus G. Alberigo et aliis, Bolonha 1973, p. 244; cf. etiam Litt. Ap. Honorii PP. III *Sane cum olim*, 22 de novembro de 1219: *Bullarium Romanum III*, Augustae Taurinorum 1858, p. 66 et Epistula S. Francisci ad Clericos *De reverentia corporis Domini*: *Opuscula Sancti Patris*

Francisci Assisiensis, pp. 96, s. (45) Gál. 5, 24. (46) D. Mansi, *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio*, 22, Venetiis 1778, p. 971; cf. PL 217, 677. (48) *Legenda minor*, 2, 9: *Analecta Franciscana*, 10, p. 662; cf. do mesmo autor *Legenda maior*, Prologus, 2: *ibid.*, p. 558. (48) Ef. 5, 27. (49) *Regula bullata*, 12, 1; *Regula non bullata* 2, 1: *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, pp. 237; 243. Cf. também S. Bonaventura, *Legenda maior*, 10, 2: *Analecta Franciscana*, 10, p. 602. (50) Cf. *Testamentum*, 13; *Epistola ad Fideles* (recensio prior), 2, 22; *Epistola ad Fideles* (recensio posterior), 20: *Opuscula Sancti Patris Francisci Assisiensis*, pp. 309, s.; 112; 118. (51) Epistula *A Concílio constantinopolitano*, 25 de março de 1981: AAS 73, 1981, p. 521. (52) Cf. Fil. 3, 10.

LIVROS — 3

LIBERTAR: DESAFIO DA ESCOLA

Publicações CRB / 1982

— Como se explica, num livro que trata de **LIBERTAÇÃO**, o tema moral?

Só lendo o livro para se entender cabalmente. Também eu pensava que fossem termos contraditórios **Moral** e **Libertação**. Sempre entendi a **Moral** como força repressora pessoal e socialmente. Depois da leitura deste livro, concluí que este reducionismo é falso e grandemente deletério. Leia e convença-se, Você também.

— Mas a **MORAL** não continua, de fato, com seu caráter opressor?

Não. O Concílio Vaticano II ocasionou uma grande abertura através de uma série de superações. Assim: superam-se o eternismo da moral pelo princípio da historicidade; o pessimismo dualista pela confiança no homem; a obsessão do pecado pela Teologia da Graça; o legalismo pela valorização da Aliança; o privatismo pelo valor atribuído às realidades terrenas, sobretudo a vida sócio-econômica e política.

Adquira este livro editado por **Publicações CRB**. Leia. Examine. Vai descobrir os influxos positivos e libertadores da **Moral** na Educação. Cristo veio tirar os fardos inúteis. Veio colocar as energias humanas a serviço da causa do Reino. Fazer o homem viver a sua grande aventura. Não deixe de ler **LIBERTAR: DESAFIO DA EDUCAÇÃO** (Pe. Marcos de Lima, SDB).

LITURGIA E EDUCAÇÃO DA FÉ DO POVO DE DEUS

PONTOS REFERENCIAIS PARA A CELEBRAÇÃO
DA FÉ E DA VIDA. PARA QUE A FÉ
SE TORNE VIDA E A VIDA
SE TRANSFORME EM FÉ VIVA E LIBERTADORA

Pe. Joviano de Lima Júnior, SSS
São Paulo, SP

Um dos pioneiros do movimento litúrgico, Dom Lambert-Beauduin, insistia no papel que o culto da Igreja deveria desempenhar na educação da fé do povo de Deus. Sonhava com uma piedade litúrgica que substituísse as inúmeras devoções e fosse, ao mesmo tempo, comum a toda a Igreja. Estas aspirações desencadearam o movimento litúrgico e chegaram ao Vaticano II.

Há dezenove anos o Concílio empreendia a renovação da Igreja reformando a Liturgia (1). Isto é, pela expressão da fé celebrada na Igreja. O primeiro documento conciliar, a **Constituição sobre a Sagrada Liturgia**, reconhece que este momento denso e conclusivo “encerrou um grande ensinamento ao povo fiel. Pois, na Liturgia, Deus fala ao seu povo. Cristo anuncia o Evangelho. E o povo responde a Deus, com cânticos e orações” (2).

Os bispos do continente reunidos na Conferência de Medellín, em 1968, assim se expressaram:

“A Liturgia visa em primeiro lugar a glória do Pai. Mas, esta mesma glória comunica-se aos homens e, por isso, a celebração litúrgica, mediante o conjunto de sinais com que expressa a fé, apresenta: 1. Um conhecimento e uma vivência mais profunda da fé; 2. Um sentido da transcendência da vocação humana; 3. Um fortalecimento do espírito da comunidade; 4. Uma mensagem cristã de alegria e esperança; 5. A dimensão missionária da vida eclesial; 6. A exigência postulada pela fé, de comprometer-se com as realidades humanas” (3).

A partir de Puebla, a Igreja vive uma nova fase de sua caminhada na América Latina. Coloca a comunhão e participação como utopia do processo de evangelização no Continente. Reafirma que a comunhão almejada e a libertação desejada encontram sua fundamentação última no mistério de comunhão e vida do Deus-Trindade (4).

Puebla, ao explicar os meios de comunhão e participação no capí-

tulo terceiro, cita em primeiro lugar a Liturgia. Menciona, logo em seguida, a **oração particular** e a **piedade popular**. Ambas estão “presentes na alma do nosso povo” e “constituem valores de evangelização”. Mas a Liturgia continua sendo “o momento privilegiado de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à libertação integral, autêntica” (5).

A Liturgia une fé e vida. Anunciada, confessada e celebrada no mistério pascal de Cristo, a fé comunica a força do Espírito ao povo que caminha rumo à sua libertação. E, por isto mesmo, traz em seu bojo a exigência de comunhão e participação.

Entretanto, afirmar que a Liturgia constitui um meio privilegiado de comunhão e participação significa antes um desafio do que simplesmente a constatação de uma realidade.

Interroguemo-nos, pois, pelo lugar que a Liturgia deve ocupar no processo de educação da fé do povo de Deus.

A comunicação entre Deus e o seu povo: quando a Palavra se faz comunhão.

Há inúmeras maneiras de analisar a educação da fé do povo de Deus e vários modos de situá-la. Mas, como acontece em todo processo educativo, a educação da fé se realiza mediante a comunicação e a observação crítica da realidade. Faltando uma destas mediações, o processo fica comprometido.

Ora, a Liturgia é o lugar por excelência da comunicação. Primeiro,

é ela que comunica a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo (6). Esta singular ação comunicativa suscita vida e leva à comunhão. Segundo, torna incisiva e clara a linguagem da fé, porque conduz a comunicação humana à descoberta dos verdadeiros valores que atingem o homem em sua situação existencial. O cristão será sempre aquele que ouve a Palavra e a põe em prática. Nisto consiste a educação da fé: ouvir, responder à Palavra de Deus, professando e anunciando o mistério de comunhão e vida.

Estas observações preliminares permitem deduzir que a eficácia da fé está na prática do amor. Crer é comprometer-se com o Deus-Amor e seu projeto na História. É responder às interpelações do Deus de Abraão, de Isaac e Jacó que falou pelos profetas e continua, nas ações litúrgicas, a nos dirigir a sua Palavra. Crer é viver, em clima de contemplação e escuta, esta Palavra. É anunciar que a ação comunicativa do Pai atingiu, no evento Morte-Ressurreição do Filho, o seu ponto máximo.

É certo, entretanto, que, a fé anunciada, confessada e celebrada pela Igreja continua puro dom à espera de acolhida. Exprime, no coração do discípulo, um conhecimento que nasce do amor (7). Esse conhecimento gratuito ultrapassa o meramente nocional e conceitual; tende a crescer e a frutificar na comunidade eclesial. Tal dinamismo, inerente ao ato de fé e à vida de fé, torna impensável uma fé individual, sem lastro comunitário, alheia à realidade.

A ação comunicativa de Deus, através do Filho, continua no tempo da Igreja, conforme as últimas palavras de Cristo, em Mt 28,18-20: "Toda autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!"

A partir daí, o anúncio da fé será celebrado num contexto de oração comunitária. Estabelece-se, para sempre, a expressão da fé celebrada. A Liturgia, neste horizonte, surge como fruto sazonado da pregação apostólica. Ou seja, o anúncio do Evangelho às nações virá acompanhado de sinais: o batismo em nome da Trindade, a **efusão do Espírito** e a **refeição fraterna**. Agora, mediante a Palavra e os Sacramentos, Cristo continua presente entre os homens. Ou melhor, a Palavra se faz Sacramento da fé, porque não somente reúne os discípulos na comunidade da Nova Aliança, mas os envia em missão. Estabelece-se o ciclo vital: anúncio — celebração — testemunho missionário.

Mas tanto no Antigo como no Novo Testamento, o processo de educação da fé dá-se, concretamente, numa comunidade. Sem a mediação da comunidade não se pode, a rigor, falar em educação da fé.

Paulo aprende, de Ananias, os caminhos do Ressuscitado e conta com a colaboração da comunidade na pessoa de Barnabé. Toda a his-

tória da Igreja que emerge dos Atos dos Apóstolos dá prova disso: o aprofundamento da fé se faz em comunidade. Mais tarde virão a Didache e as didascálias, as catequeses pré-catecumenais e mistagógicas. Hoje, nas comunidades de base os cristãos encontram uma verdadeira iniciação à leitura de fé da realidade. De uma realidade ambígua; às vezes, adversa e hostil. Mas que envolve e desafia. E por isso mesmo deve ser analisada.

A dimensão profética da educação da fé consiste, justamente, em aprender a interpretar os acontecimentos à luz dos valores do Reino. Vale dizer, com senso crítico, "estando no mundo sem ser do mundo". Certamente, denunciando as estruturas de pecado que entravam o relacionamento da fraternidade e impedem a manifestação da justiça entre os homens. Mas, também, anunciando a libertação e a comunhão. A partir da experiência de fraternidade e corresponsabilidade, vividas em comunidade. Quando essa experiência estiver a serviço dos que estão "fora", é que se poderá falar em educação da fé e não de educação para a fé. Isto é, um agir coerente, a partir da experiência de Jesus.

Celebrar a fé e a vida

Todos os acontecimentos, por menores que sejam, quando celebrados assumem um novo significado. Tomam outras proporções e começam a fazer parte da memória de um povo.

Ninguém vive sem pão. Também, é verdade que precisamos da festa. Não existe povo sem festa. A An-

tropologia Cultural constata que, desde as sociedades mais "primitivas" até as mais complexas, a festa faz parte da expressão simbólica de um povo. Nascimento, morte e acontecimentos que marcam a identidade e integram as comunidades ou sociedades são ritualizados. Mas somente a fé poderá dar ao rito e ao símbolo a força de realizar o que simbolizam e significam.

Se percorrermos o Antigo Testamento veremos como a expressão ritual celebra a vida e a liberdade. De fato, em Israel, a festa acompanha a caminhada do povo e está sempre ligada às fontes de sua subsistência: Páscoa, na Primavera, e Pentecostes, por ocasião das colheitas. As famosas assembleias, onde se renovavam os pactos de aliança, criavam novas condições de vida. Frente às ameaças do inimigo, elas alimentavam a esperança. Nos momentos decisivos da nação, faziam com que o povo se voltasse para suas raízes, estreitando os seus vínculos com Deus, como no Sinai e em Siquém.

Contudo, a festa não cria um processo participativo, ela o supõe. Faz acontecer mais uma vez — atualiza através do símbolo — o que está acontecendo e sendo vivenciado. A partir da experiência de Israel, podemos compreender a significação da festa litúrgica como **anamnese** da obra salvífica de Deus. Assim, tendo herdado do judaísmo a celebração da vida e dos acontecimentos, a Igreja também os celebra. Começa por celebrar a Páscoa semanalmente. Faz memória das maravilhas de Deus a pedido de seu Senhor. Dele aprende a festejar, eliminando a dicotomia entre

culto e vida. "Deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão... (Mt 5,24).

O Novo Testamento faz uma leitura litúrgica da missão de Jesus e do Reino que ele anuncia. Toda a vida do Filho de Deus foi um contínuo exercício profético do seu sacerdócio. Ele viveu, na obediência, a missão que o Pai lhe confiara. Jesus desde o início do seu ministério, na Sinagoga de Nazaré e no Batismo, depois em sua entrada messiânica em Jerusalém, na Última Ceia e até à Cruz, quando celebrou a Páscoa definitiva, nos ensina a rezar a vida. Mais, a referir todos os acontecimentos ao projeto do Pai. Não é esta a lição extraordinária que os discípulos aprendem na estrada de Emaús?

Nos Atos dos Apóstolos, onde encontramos a idealização da vida da Igreja, podemos perceber como fé e vida se juntam na celebração. O anúncio da Boa Nova, preferencialmente dirigido a uma comunidade, também é pregado às multidões, como aconteceu em Jerusalém, por ocasião de Pentecostes e nas praças de Atenas. Mas a **INSTRUÇÃO** se fazia em comunidade, através das reuniões para celebrar a fé. A comunidade unia anúncio, instrução e celebração num só movimento.

Assim, a fé confessada em comunidade e vivida na rede de relações, que envolve pessoas em sociedade, passa a ser celebrada no culto como ponto de chegada e de partida de um processo. Mas, este culto para ser autêntico, eficaz e transformador deverá realizar-se no Espírito e na Verdade. Aos discípulos, foi

dado o Espírito de adoção. Elevados à condição de filhos, podem exclamar com confiança "Abba". Mas devem, igualmente, realizar esta oração na Igreja e na Verdade que é o próprio Cristo, Caminho e Vida. Sendo que a Igreja não é senão o lugar onde a Verdade cria os laços de comunhão, no Espírito de Vida, e na Santidade do Pai.

O encontro fé e vida: o grande desafio

O encontro fé e vida manifesta-se na Liturgia? Geralmente ligamos Liturgia a gestas, ritos e cerimônias. No entanto, ela é muito mais que isto. Pois, antes de ocupar-se de textos e rubricas, a Liturgia expressa a vida e a fé de uma comunidade. Eis porque não pode ser tomada como atividade periférica, secundária, marginal da vida da Igreja.

A Liturgia é a oração de um povo. Concretamente, a oração de uma assembléia convocada a manifestar a presença da Igreja, em diversos lugares e em todos os tempos. Apesar da alteração de suas formas celebrativas, nas diversas situações de espaço e tempo, ela continua sendo a síntese criadora entre fé e vida. A maneira pela qual a comunidade da Nova Aliança expressa "suas relações com Deus num conjunto de sinais e símbolos". Sem a Liturgia, o povo de Deus perderia sua identidade e unidade. Não seria capaz de expressar, de modo inteligível, a sua fé no Crucificado Ressuscitado. E quem sabe, perderia o sentido da vida e da história. Pois lhe faltaria a **memória**... Nem saberia fazer "sinais" que o identificassem.

Uma simples leitura dos folhetos litúrgicos, nos revela o quanto a Liturgia tornou-se o lugar da comunicação em nossas comunidades. Ao lado dos textos oficiais, encontramos idéias e acontecimentos que refletem situações concretas. Pode-se discutir os critérios adotados; se ajudam ou atrapalham a participação da assembléia; se expressam criatividade ou, até mesmo, se levam em conta as exigências do mistério celebrado. Importa, aqui, apenas registrar o fato: a importância que se dá ao momento celebrativo da fé. O que demonstra não só uma nova maneira de celebrar a fé, mas uma tomada de consciência da ação litúrgica, como fator de unidade e compromisso, frente aos desafios da realidade.

Rezamos o que acreditamos. Só amamos o que fazemos. Estas duas afirmações equivalem-se.

Compreende-se. A Igreja exprime a sua fé rezando. **Lex orandi, lex credendi**: a norma da oração é a norma da fé (8). É pela oração que aprendemos a fé e somos instruídos na esperança e no amor, para sermos enviados ao mundo faminto de amor e de alimento.

Coerentemente, a Liturgia deve encontrar-se no centro e, mais exatamente, no princípio da educação permanente do povo de Deus. Quando isto acontecer, dar-se-á o encontro fé e vida. A leitura de fé da realidade tornar-se-á, na celebração, do único e indivisível mistério de Cristo, uma leitura litúrgica da vida. O Mistério Pascal será, para o povo de Deus, uma fonte perene de esperança e critério de transformação da realidade.

A celebração do Mistério Pascal de Cristo pode tornar-se, em cada geração, a teologia viva e vivificante, experimentada na comunidade e pela comunidade. E assim continuar a ser, por todos os séculos, a maneira mais profunda de comunhão e participação. Pois, nela a Tradição encontra, em linguagem viva e inteligível, a fé proclamada pelos Apóstolos e confessada na Igreja. Conseqüentemente, a Liturgia, quando entrelaçada com a vida, a evolução e toda a Tradição da Igreja, traduz, em gestos e sinais, a fé generosa e a vida real, autêntica e profunda que jorra do Espírito no seio do povo de Deus. Inclusive, educa a comunidade a aceitar a cruz como caminho de libertação. Denuncia, também, situações ambíguas, conflitantes com a prática da fé.

Na primeira carta aos coríntios, temos uma demonstração da força da Liturgia na educação da fé. Ao defrontar-se com a divisão da Igreja, em Corinto, Paulo não hesita em invocar a Liturgia (Memória-Anúncio) como voz autorizada da Tradição (9). Para salvaguardar a uni-

dade, o Apóstolo não apela para a Lei, nem para qualquer outro código de ética. Antes, aponta a celebração da Ceia do Senhor como único critério capaz de remover o que impede a manifestação da justiça e o crescimento da Igreja em Corinto. A saber: a desunião, os partidos, a humilhação do pobre.

Portanto, a Liturgia não é somente um contexto, onde a comunidade experimenta o chamamento à fé, à renovação da Aliança e à Missão. Mas o lugar privilegiado em que a comunidade pode discernir o seu comportamento frente ao pobre e ver se suas atitudes geram vida. Mesmo porque, não há vivência de fé sem conversão.

Neste sentido, a Liturgia proporciona à comunidade, a experiência de um Deus que partilha para que o homem possa conhecê-lo. A sua Palavra proclamada, nas celebrações litúrgicas, é sempre profética, misteriosa e querigmática. Isto é, anuncia o mistério, o sacramento das maravilhas de Deus: a Morte e Ressurreição do Senhor da Igreja e da História.

NOTAS

(1) Paulo VI, em seu primeiro discurso, na aula conciliar indica as metas do Concílio: "O conhecimento, ou se preferir, a consciência da Igreja e sua renovação; o restabelecimento da unidade de todos os cristãos; o diálogo com os homens de hoje". Cf. REB, dez. de 1973, pág. 1066. (2) SACROSANCTUM CONCILIUM nº 33 Cf. também 7,35; DEI VERBUM 1,21,25 e 26; ORDO LECTIIONUM MISSAE nn. 11 a 57. (3) CONCLUSÕES DE MEDELLIN, Edições Paulinas, 1977, 3ª ed. pág. 93. (4) PUEBLA 211: "Depois da proclamação de Cristo que

nos revela o Pai e nos dá seu Espírito, chegamos a descobrir as raízes últimas de nossa comunhão participação". (5) PUEBLA — Meios para a comunhão e participação — 985. (6) 2Cor 13,13. Saudação sempre presente na abertura da Celebração Eucarística. (7) LONERGAN, B, "Method in Theology", Londres 1972, pág. 101. MIER, Sebastian "Fe cristiana" in CHRISTUS nº 534 (1980) pág. 33 "Podemos descrever a fé cristã como um seguimento de Jesus realizado em comunidade. Este seguimento de Jesus tem um caráter histórico definido

em três sentidos: 1) Reconhece em Jesus o ponto mais elevado da obra salvadora — libertadora de Deus que Deus realizou no povo de Israel em favor de todas as nações. 2) Reconhece uma revelação especial de Deus na história concreta de Jesus, e não só em sua ressurreição. 3) Este seguimento de Jesus não é uma imitação mais ou menos mecânica, mas uma entrega de vida na mesma direção, para o Reino, nas circunstâncias concretas que nos toca a viver. Cf. também SANTO AMBRÓSIO, "Os Sacramentos e os Mistérios" Vozes, 1972 pág. 21. (8) VAGAGGINI, Cipriano, OSB "Il senso teologico della Liturgia" Edizione Paoline (1957) pág. 415: "... o

sentido do princípio *lex orandi, lex credendi*, é o seguinte: a liturgia pressupõe sempre e exprime um certo ensinamento e uma certa crença em senso larguíssimo. Mas, em muitos casos, pressupõe e segue logicamente, a fé divina e católica, em sentido restrito, já explicitada. Ou seja, supõe e segue a proposição e a aceitação dos dogmas; neste caso a liturgia exprime a fé divina e católica, já explicitada, a fé viva, e a fortifica nos fiéis; em outros casos, a liturgia precede a explicitação da fé divina e católica. Ou seja, a proposição e aceitação dos dogmas, e é um fator poderoso e ocasional desta explicitação. (9) 1Cor 11,17-38.

LIVROS — 2

FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA HOJE

Publicações CRB / 1982

— Ouço falar que o povo reeduca o religioso? Como?

Pode crer: é verdade que o povo reeduca o religioso. As lições do povo vêm do campo aberto da vida. As **condições da existência**, as suas **práticas** — sociais e religiosas —, **fala**, tudo isto se constitui agente educador para o religioso. Sobretudo, animal simbólico que somos, o povo e sua vida nos fazem reportar aos apelos mais profundos do Evangelho: abandonar nossa auto-suficiência, o apoio colocado na riqueza e na segurança das obras. Modificam-se e se reeducam a forma e o perfil da Vida Religiosa.

— Concretamente: cite duas lições?

Primeira: A pobreza do povo. A realidade crua e desafiadora da pobreza do povo revela, de imediato, a pseudoteologia da pobreza espiritual, puramente interior, invisível, quase sempre imaginária. Qualquer debate sobre pobreza evangélica se torna irrisório e cínico. **Segunda: Experiência de Deus.** Oração-vida. Orar é viver, proclamar e gritar a realidade em face do Senhor. Orar é expor a vida diante de Deus.

Adquira este livro editado por **Publicações CRB**. Leia. Examine. Vai descobrir que vivemos num tempo de crise. De esperança sobretudo. O essencial aparece com mais clarividência. O acidental e periférico empalidece em sua consistência e validade. Abre-se um horizonte mais vasto. De arrancada feliz. Mais cheio de vida e de vivência de Deus. Não deixe de ler **FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA HOJE (Pe. Marcos de Lima, SDB)**.

RAÍZES DA CONSCIÊNCIA ECLESIAL DAS CEBs

Pe. Alvaro Barreiro, SJ
Belo Horizonte, MG

1. As CEBs, uma iniciativa da "Igreja institucional"

Não existe ainda, que nós saibamos, um rigoroso estudo **histórico** sobre a origem das CEBs no Brasil (1). Isto não obstante, os dados de que dispomos sobre sua história de quase vinte anos são suficientes para poder afirmar com toda segurança que elas são, desde sua origem e pela sua origem, comunidades **eclesiais**. A consciência eclesial das CEBs é contemporânea de seu nascimento. Desde o primeiro momento de sua existência, elas têm consciência de ser Igreja e querem continuar sendo Igreja.

Uma das razões desta consciência eclesial está, sem dúvida, no fato de que, na imensa maioria dos casos, a iniciativa para a formação das CEBs partiu da "Igreja institucional". A partir da segunda metade da década de 60, muitas Igrejas locais, seja no nível diocesano seja no nível paroquial, adotaram como opção prioritária de sua ação pastoral a criação e acompanhamento das CEBs, por julgá-las a forma mais eficaz de evangelização. Em muitas outras Igrejas locais onde esta opção não foi feita formalmen-

te, alguns agentes de pastoral, com o apoio explícito do bispo ou com o seu consentimento, tomaram também iniciativas para a formação de CEBs (2). Mesmo nos casos, relativamente raros, de grupos que começaram a reunir-se a partir de objetivos não especificamente religiosos (resolver ou reivindicar juntos a solução de algum problema concreto do bairro ou região: escola, posto médico, infra-estrutura de saneamento, regularização de escrituras, etc.) quando esses grupos, num segundo momento, se tornaram CEBs, tomaram essa opção sob alguma forma de influência da "Igreja-instituição". As CEBs não nascem, portanto — é importante sublinhá-lo — de atos de ruptura ou de rebeldia contra a Igreja; não devem sua origem a atitudes de desafio ou de oposição de grupos fechados de fiéis contra a Igreja hierárquica. Elas nascem do seio da Igreja e em comunhão visível e institucional com a Igreja. São os mesmos pastores os que convidam e incentivam os fiéis a se reunirem em pequenos grupos para, juntos, orar e aprofundar a fé; para debater e, na medida do possível, encontrar saídas para os problemas religiosos e sociais da comunidade.

2. Três influências decisivas

a) Concílio Vaticano II

Tais reuniões — quer se trate de grupos já existentes, mais ou menos tradicionais, quer se trate de grupos novos — são incentivadas pelos pastores e agentes de pastoral a partir da redescoberta da natureza comunitária da Igreja. Para esta redescoberta da consciência comunitária teve importância decisiva o Concílio Vaticano II, concebido por João XXIII, desde o momento em que brotou nele a idéia de sua convocação, como um concílio de renovação, de **aggiornamento**: seu objetivo fundamental foi a busca, corajosa e humilde, da fidelidade às moções do Espírito no tempo presente (3). Resultado da reflexão conciliar de quatro anos foi uma “nova imagem da Igreja” (4), uma “nova consciência da Igreja” (5). Esta “novidade” não está tanto nas idéias quanto nas acentuações, perspectivas, opções distintas, embora sempre em fundamental conformidade com o passado. A “novidade” do Vaticano II está sobretudo na re-descoberta e re-vivência de aspectos do “mistério da Igreja” que pertencem à mais antiga tradição, mas que haviam ficado na penumbra ou na sombra durante séculos, e no voltar-se desta consciência eclesial, assim redescoberta, para o mundo no qual a Igreja tem que realizar sua missão (6).

A renovação pela qual passou a Igreja latino-americana durante as duas últimas décadas seria simplesmente impensável sem a renovação conciliar. “Na América Latina, o

Vaticano II teve o efeito de um violento terremoto. De repente, todos os esquemas e todas as estruturas da Igreja foram questionadas”. Mas foi um terremoto salutar. As Igrejas latino-americanas que, em geral, não haviam participado — ou o haviam feito muito limitadamente — dos movimentos (bíblico, litúrgico, patrístico, ecumênico, social) que prepararam o Concílio, receberam deste “uma aceleração totalmente inédita na sua história” (7). A partir de meados da década de 60 houve na América Latina uma extraordinária divulgação, extensiva e intensiva, dos grandes temas conciliares através de inúmeras reuniões, semanas de estudos, cursos de atualização teológica e pastoral, etc. Dentro deste contexto ou clima devem ser entendidas as freqüentes referências explícitas à “nova visão”, à “nova consciência” da Igreja, feitas pelas CEBs quando tentam relatar suas origens.

Contudo, o Vaticano II, sozinho, não explica a origem nem a originalidade das CEBs. A nível de magistério eclesial, influência mais direta e mais direcionada sobre as CEBs exerceram, para a América Latina em geral, as conferências de Medellín e Puebla; e para o Brasil, também os planos de pastoral de conjunto e outros documentos da CNBB (8).

b) Medellín

A II Conferência do episcopado latino-americano reuniu-se em Medellín, três anos depois de encerrado o Concílio, precisamente com

o objetivo de aplicar o Vaticano II à situação latino-americana. Na realidade, Medellín, mais do que mera aplicação, foi uma releitura criativa (a única maneira de ser fiel ao passado) do Concílio a partir da situação histórica do nosso continente. As conclusões de Medellín falam já explicitamente das CEBs, descrevendo-as nos seus traços fundamentais. As afirmações mais incisivas e teologicamente mais ricas sobre sua natureza, estrutura e missão encontram-se no número dez do documento sobre a Pastoral de Conjunto (9). Além desta passagem, há uma dezena de outros enunciados sobre as CEBs onde aparece também claramente seu caráter eclesial (10). Os bispos reunidos na II CELAM reconhecem o caráter ainda incipiente das CEBs (11). Mas intuem já sua extraordinária importância como "primeiro e fundamental núcleo eclesial", "célula de estruturação eclesial", "foco de evangelização" e "fator primordial de promoção humana" (12), como "um sinal de presença de Deus no mundo" (13). Conseqüentemente os bispos recomendam a divulgação das experiências realizadas (14); incentivam sua multiplicação especialmente nas zonas rurais e nas periferias das cidades (15); insistem na importância capital que têm para o desenvolvimento das CEBs a formação de seus líderes ou dirigentes, sejam eles "sacerdotes, diáconos, religiosos ou leigos" (16); finalmente, devido ao estágio incipiente em que as CEBs se encontram, recomendam que seja aprofundado seu estudo do ponto de vista teológico, sociológico e histórico (17).

O significado de todas estas afirmações do sínodo de Medellín sobre as CEBs está, mais do que em seu conteúdo teológico-pastoral, no fato do reconhecimento eclesial de sua existência. A partir de Medellín as CEBs têm sua carta de cidadania na Igreja assinada pela instância mais alta do magistério episcopal. E não só sua existência é reconhecida; também sua importância é sublinhada e sua multiplicação é incentivada. Mais importante ainda que as referências explícitas às CEBs foi, para a multiplicação destas e para sua "mística", a insistência dos documentos de Medellín na dimensão comunitária da fé (18) e no compromisso social dos cristãos (19), compromisso que tem que ser realizado, como exigência indeclinável do Evangelho e na fidelidade mais exigente ao Evangelho, numa situação de injustiças e de opressão institucionalizadas.

c) Puebla

A situação de conflito e de injustiça na qual os cristãos têm que viver a sua fé continua presente na consciência dos bispos latino-americanos quando se reúnem de novo em Puebla de los Angeles, dez anos depois de Medellín, em busca das exigências e dos caminhos da "evangelização no presente e no futuro da América Latina". Os bispos verificam "que se agravou a situação violenta que se pode chamar institucionalizada (subvertiva e repressiva), na qual a dignidade humana é violada em seus direitos fundamentais" (20); comprovam "como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de

pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção" (21). "Ao analisar mais a fundo esta situação", os bispos descobrem "que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria" (22). Na "brecha crescente entre ricos e pobres" os bispos vêm, "à luz da fé", "um escândalo e uma contradição com o ser cristão". "O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida". Nessa situação, "a Igreja discerne uma situação de pecado social" (23).

É neste pano de fundo que devem ser entendidas, como explicitaremos logo mais, as afirmações do Documento de Puebla sobre as CEBs. Numas trinta passagens fala-se direta e explicitamente sobre elas (24). Não mais como um ideal a ser alcançado e que só vai sendo realizado incipientemente, mas como uma realidade já existente e fecunda na América Latina (25). No último número do Documento, ao serem elencados alguns dos "sinais de esperança e de alegria" e da "vitalidade evangelizadora no nosso continente", são indicadas, em primeiro lugar, "as CEBs em comunhão com seus pastores" (26). A multiplicação das CEBs, sobretudo

na periferia das grandes cidades e no campo, é destacada "como fato eclesial relevante e caracteristicamente nosso e como 'esperança da Igreja' (EN 58)" (27). Por isto os bispos reunidos em Puebla afirmam enfaticamente: "Como pastores, queremos resolutamente promover, orientar e acompanhar as CEBs, de acordo com o espírito de Medellín (29) e os critérios da *Evangelii Nuntiandi*, 58" (29). A mesma certeza do potencial evangelizador das CEBs expressa-se neste outro texto: A evangelização "reconhecerá a validade da experiência das CEBs e estimulará seu desenvolvimento em comunhão com os pastores" (30). Como é natural, os bispos manifestam também sua preocupação com a eclesialidade das CEBs, particularmente com a "comunhão com os pastores", de acordo com o espírito de Medellín e do texto da *Evangelii Nuntiandi* que fala das CEBs. Esta preocupação expressa-se em várias passagens do Documento de Puebla: "É lamentável que em algumas partes interesses visivelmente políticos pretendam manipular e afastar as CEBs da autêntica comunhão com seus pastores" (31); "as CEBs devem inscrever-se vitalmente" na estrutura mais ampla da Igreja como povo histórico institucional "para não correrem o risco de degenerar em anarquia organizativa, por um lado, ou em elitismo fechado e sectário, por outro" (32). Esta preocupação com a especificidade eclesial das CEBs manifestada pelos bispos e a conseqüente afirmação dela não deve, porém, ser entendida como uma desautorização ou desvalorização do compromisso social das mesmas CEBs. Também o "compromisso com

a justiça" (33), o "compromisso de transformar o mundo" (34), é parte integrante da eclesialidade das CEBs. O que caracteriza a Comunidade Eclesial de Base enquanto eclesial, é ser "comunidade de fé, de esperança e de caridade" (35). Ora, estas virtudes teológicas têm que manifestar-se, ser vividas, não só na interioridade única de cada pessoa, no seu relacionamento absolutamente singular com Deus, nem só no âmbito interno da comunidade eclesial, mas têm que manifestar-se também extra-eclesialmente, fora do âmbito da comunidade eclesial como tal. Assim como uma CEB que se voltasse tão intensamente para o mundo que **praticamente** voltasse também as costas para Deus acabaria traíndo sua vocação específica e perderia sua identidade como comunidade eclesial, da mesma maneira, uma CEB que voltasse as costas para "os problemas do mundo", desinteressando-se dos problemas sociais dos homens, trairia igualmente sua vocação de comunidade **eclesial**. Uma das manifestações da originalidade das CEBs está precisamente em que elas constituem um lugar privilegiado para a integração entre a comunhão com Deus e a comunhão-fraternidade-solidariedade com os irmãos. Usando as palavras dos bispos latino-americanos, elas têm que continuar sendo, simultaneamente: "centros de evangelização" e "motores de libertação e desenvolvimento" (36); centros de "aprofundamento da Palavra de Deus" e de "um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes que se vive" (37); comunidade que "celebra a Palavra de Deus e se nutre da Eucaristia" (38) e, no dinamismo

dessa celebração, "povo messiânico" que procura viver sua "vocação para a comunhão com Deus e com os irmãos, denunciando, de um lado, com a palavra e com o exemplo de "uma vida mais evangélica no meio do povo", "as raízes egoístas e de consumismo da sociedade" e, de outro, contribuindo positivamente "para a construção de uma nova sociedade" (39).

Como aconteceu com as conclusões de Medellín, para a formação e a vivência da consciência eclesial das CEBs, mais importantes do que as afirmações diretas e explícitas, serão os grandes temas que estruturam e dinamizam todo o documento de Puebla. Limitamo-nos aqui, na ótica do nosso estudo, a uma breve reflexão sobre dois destes temas, considerados pelos comentadores como temas-chaves: a "comunhão participação" e a "opção preferencial pelos pobres" (40).

Para poder compreender e apreciar corretamente os textos de Puebla no seu conjunto, eles têm que ser lidos — embora não exclusivamente — à luz do tema **comunhão e participação**, o qual, com os seus dois pólos complementares, vertebra todo o Documento, dando (pelo menos na intenção) "unidade dinâmica ao conjunto" (41). Ora, este mesmo binômio pode ser considerado com razão, no nível de sua formulação abstrata, como o que caracteriza de maneira mais englobante o modo de ser e de atuar das CEBs. Tendo presente, porém, por um lado, que a "comunhão" e a "participação" realizam-se nas CEBs em formas concretas particularmente originais, resultantes de um processo de criatividade comunitária

permanente; e, por outro lado, esses dois pólos da existência e da ação eclesial não devem ser vistos exclusivamente como uma tarefa eclesial **ad intra**, mas também como formas de auto-realização da missão da Igreja **ad extra** (42).

Diante da “situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos” (43), da “brecha crescente entre ricos e pobres” (44), analisada, “à luz da fé”, pelos bispos da América Latina, era de esperar que a “opção pelos pobres”, já afirmada em Medellín, fosse reafirmada em Puebla. De fato o foi: a **opção preferencial pelos pobres** pervade cada uma das partes e cada um dos temas das Conclusões. Conseqüentemente, é nesta perspectiva que elas devem ser interpretadas, embora, de novo, não de maneira exclusiva (45). A “opção preferencial pelos pobres”, tão repetida e incisivamente afirmada, visa dar a contribuição especificamente evangélica (isto é, por motivos evangélicos e com meios evangélicos) da Igreja na América Latina para “desarraigar a pobreza e criar um mundo mais fraterno” (46). É neste contexto que se inserem, histórica e sociologicamente, as CEBs. É igualmente dentro e a partir deste contexto que elas devem ser vistas teologicamente: como comunidades de pobres que demonstraram, na década entre Medellín e Puebla, seu potencial evangelizador (47).

A comunhão-participação é vivida pelos milhões de cristãos que formam as CEBs dentro de uma realidade na qual, sociologicamente, predominam a anti-comunhão e a anti-participação. As CEBs realizam

assim o que constitui o coração mesmo, o núcleo essencial, da missão da Igreja no mundo: a “inversão de Babel”. A missão da Igreja é refazer incessantemente, num processo permanente de fidelidade ao dinamismo iniciado pelo Espírito em Pentecostes, o que Babel (que é seu anti-tipo) desfez e desfaz: a comunhão dos homens com Deus e entre si (48). É isto o que fazem as CEBs, com meios pobres e com gestos pobres, mas que, por isto mesmo, são portadores do mais alto teor evangélico e da mais profunda eficácia transformadora: reunir em comunidade os filhos de Deus dispersos, suscitar e manter neles a consciência de sua dignidade de filhos de Deus, de povo de Deus; traduzir essa consciência em atos de fé, de esperança e de amor; e, inseparavelmente, em gestos de serviço humilde e perseverante, de anúncio e de denúncia corajosos, de reivindicação e defesa dos próprios direitos. Resumindo: em práticas de comunhão e participação que edificam a Igreja. Esta edificação da Igreja como fraternidade vivida, a partir e através das dezenas de milhares de pequenos núcleos de CEBs, está enraizada no sinal messiânico por excelência: a “evangelização dos pobres”.

Para ser fiel à sua missão messiânica de anunciar, pela palavra e pela vida, o Evangelho, a Boa Nova do Reino de Deus anunciado por Jesus, a Igreja tem que proclamar e viver esse Evangelho como Jesus o proclamou e viveu: como Boa Nova em primeiro lugar para os pobres e os pecadores. Com efeito, o Reino de Deus, que é o conteúdo central e último do Evangelho de Jesus, é o Reino da justiça e da

comunidades em 'família de Deus', começando por tornar-se presente nelas como fermento, por meio de um núcleo, mesmo pequeno, que constitua uma comunidade de fé, esperança e caridade. Assim, a comunidade cristã de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve, em seu próprio nível, responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também pelo culto que é sua expressão. É ela, portanto, célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização e atualmente fator primordial de promoção humana e desenvolvimento" (Citamos, aqui e doravante, as Conclusões de Medellín segundo a edição portuguesa **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**, 6ª ed., Petrópolis 1977).

(10) Aos mais importantes destes textos remetemos nas notas seguintes. (11) Pastoral de Conjunto, nº 12. (12) *Ibid.*, nº 10; ver também Catequese, nº 10. (13) *Ibid.*, nº 11, citando AG, nº 15. (14) *Ibid.*, nº 12. (15) Pastoral Popular, nº 13; Catequese nº 9. (16) Pastoral de Conjunto, nº 11; Formação do Clero, nº 21; Pastoral Popular, nº 14. (17) Pastoral de Conjunto, nº 12 e nº 32. (18) Ver no índice de matérias da edição das Conclusões de Medellín, citada na nota 8, os verbetes "Comunidade" e "Comunhão". (19) Ver *Ibid.*, os verbetes, "Compromisso", "Classe", "Desenvolvimento", "Injustiça", etc. (20) Nº 1259. (21) Nº 29. (22) Nº 30. (23) Nº 38. (24) Os números são, pela ordem: 96, 97, 98, 105, 111, 119, 125, 156, 173, 239, 261, 262, 263, 368, 617, 629, 630, 640, 641, 642, 643, 644, 648, 672, 952, 983, 1147, 1309. (25) "As comunidades eclesiais de base que em 1968 eram apenas uma experiência incipiente amadureceram e multiplicaram-se sobretudo em alguns países. Em comunhão com os seus bispos e como o pedia Medellín, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e de desenvolvimento" (nº 96). "A vitalidade das CEBs começa a dar seus frutos, é uma das fontes de onde brotam os ministérios confiados aos leigos: animação de comunidades, catequese, missão" (nº 97). (26) Nº 1309. (27) Nº 629. (28) Em nota remete-se ao nº 10 do documento de Medellín sobre a Pastoral de Conjunto, já citado acima. (29) Nº 648. (30) Nº 156. (31) Nº 98;

ver, na mesma linha, mas numa perspectiva mais ampla, o nº 630. (32) Nº 261, com referência a EN, 58. Este risco e o modo de evitá-lo são mais explicitados no nº 262: "Alguns dos aspectos do problema da 'Igreja popular' ou dos 'magistérios paralelos' se insinuam nesta linha: a seita tende sempre ao autoabastecimento quer jurídico quer doutrinário; integradas na totalidade do Povo de Deus, as CEBs evitarão com certeza estes escolhos e corresponderão às esperanças que a Igreja da América Latina neles deposita". (33) Nº 640. (34) Nº 643. (35) Nº 641. (36) Nº 96. (37) Nº 640. Esta integração é mais amplamente desenvolvida nos três números seguintes. (38) Nº 641. (39) Nº 642. (40) Ver J. C. SCANNONE, **Diversas Interpretaciones latinoamericanas del Documento de Puebla**, em *Stromata* (jul./Dic. 1979) pp. 195-212, esp. 197-203. (41) *Ibid.*, p. 198. (42) Ver as referências dadas nas notas 15 até 21. (43) Puebla, nº 29; ver também EN, 30. (44) Puebla, nº 28. (45) Ver J. C. SCANNONE, *art. cit.*, pp. 200-203. (46) Puebla, nº 1161. (47) "O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e pelo muito que eles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus" (Puebla, nº 1147; ver sobre este tema o nosso estudo: **Comunidades Eclesiais de Base e Evangelização dos Pobres**, São Paulo 1977). (48) O decreto **Ad Gentes** (sobre a atividade missionária da Igreja) do Vaticano II retoma este tema patrístico da interpretação de Pentecostes como inversão de Babel, remetendo a nada menos de quatorze passagens dos Padres do Oriente e do Ocidente que se expressam neste sentido. Ver o excelente estudo de H. LEGRAND, **Inverser Babel, mission de l'Eglise**, em *Spiritus*, nº 63 (1970), pp. 323-346. O autor expõe este tema na ótica da vocação das Igrejas particulares dentro da missão da Igreja universal, mas o seu conteúdo teológico pode ser desenvolvido também na ótica acenada acima por nós.

A CRIATIVIDADE COMO RESPOSTA AO SENHOR DA HISTÓRIA

*A evolução e a mudança não podem realizar-se
sem tensões. A história é conflitiva.
O avanço supõe rupturas, lutas, contradições.
E é precisamente por isto que surge
na vida religiosa a tentação
do imobilismo que dá a segurança do conhecido.*

Frei Camillo Maccise, OCD

Roma, Itália

As transformações que, nestes últimos anos, se vêm realizando na sociedade e na Igreja, estão influenciando decisivamente na evolução — com limites e erros — da vida e da espiritualidade dos religiosos. A nova cultura, a nova visão do mundo, o novo modo de presença da Igreja numa sociedade pluralista, a secularização sacudiram a vida religiosa em suas raízes: deram origem a uma crise de identidade vocacional.

Esta crise de identidade, que a vida religiosa está hoje atravessando, é, entre outras coisas, uma manifestação da sua falta de adaptação às circunstâncias de um mundo de mudanças rápidas e constantes. Revela, no entanto, uma carência de disponibilidade para abrir-se aos caminhos sempre novos do Senhor.

A vida religiosa nasceu como expressão do dinamismo do Espírito e para corresponder a seus chamados na vida. Nestes chamados há sempre um convite para colaborar no plano salvífico de Deus. Isto exige uma constante releitura do carisma da vida religiosa, que, como todo carisma, possui uma função de serviço. Fazer isto de forma concreta e eficaz pressupõe uma capacidade para criar novos estilos e diversos modos de atuação.

O tema desta reunião é exatamente o da *CRIATIVIDADE NA VIDA RELIGIOSA*. A escolha significa que desejamos ressaltar o fato de que nós, religiosos, ainda não conseguimos superar uma infinidade de condicionamentos históricos que “**extinguem o Espírito**” e impedem a renovação querida por Deus nos “**sinais dos tempos**”.

A minha exposição tem como objetivo apresentar uma série de constatações e de princípios que nos podem ajudar na reflexão e na busca inseridas no desafio da criatividade na vida religiosa **como resposta de fidelidade ao Senhor na nossa história**. Somente com novas soluções, procuradas dentro de um discernimento de fé, será possível vencer a tentação de voltar ao passado para nele encontrar refúgio. Para não identificar o carisma da vida religiosa com as formas culturais com que já nos identificamos em épocas anteriores à nossa, precisamos saber discernir com a co-

ragem que nasce da liberdade confiante ou "**parresia**" que o Espírito comunica (cf. Ef 3,12).

Eis o esquema da minha exposição:

I. Criatividade como resposta ao Deus da História da Salvação.

II. Profetismo da vida religiosa e criatividade.

III. Obstáculos à criatividade na vida religiosa.

IV. Condições para a criatividade na vida religiosa.

V. Os desafios atuais à criatividade na vida religiosa.

I. CRIATIVIDADE COMO RESPOSTA AO DEUS DA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

1. Revelação gradual: desafio para a criatividade

Na Sagrada Escritura, que coloca diante de nós a experiência — tipo da história da salvação, encontramos a constante preocupação de corresponder ao que Deus pede na vida. Na Bíblia e por meio desta, o povo tomava consciência da própria identidade e, sobretudo, aprendia a descobrir o que Deus exigia na história.

O lugar onde o povo se encontrava com Deus era formado de tudo o que constitui uma existência normal: uma terra, uma organização, uma problemática concreta. As instituições, as leis, o culto, as tradições, as grandes figuras do passado eram vistas na perspectiva da fé. Dentro desta perspectiva, percebiam-se os chamados de Deus

na existência. Havia ocasiões em que se fazia necessário partir, como aconteceu com Abraão, sem saber para onde ia (cf. Hb 11,8).

A experiência bíblica é uma experiência gradual. Tudo não se apresenta claro desde o primeiro dia. Novas circunstâncias exigem novas respostas, que assinalam um passo à frente na revelação. Esta descoberta, encontrada no confronto entre a Palavra de Deus na Escritura e a Palavra de Deus na vida, exige que se abandonem as teses do passado e as suas consequências práticas. Deus, na sua pedagogia, consegue agir de tal forma que, na resposta ao desafio em face do que surge diferente, se possam superar os elementos imperfeitos e temporários de uma revelação que se realiza pouco a pouco até culminar em Jesus Cristo.

2. Criatividade como expressão de fidelidade

O encontro com aspectos desconhecidos da vida faz com que se progrida no conhecimento da revelação, que ocorre através de etapas sucessivas (cf. Hb 11,8). Mudam as perspectivas de muitas coisas. Estas eram vistas de maneira diferente antes de se conhecer a existência de uma outra vida (século III a.C.). O problema do mal e do sofrimento e as suas consequências teórico-práticas vão-se esclarecendo lentamente, até aparecer em sua verdadeira dimensão na paixão e na ressurreição de Jesus.

A passagem dá uma concepção corporativa e solidária da responsabilidade e a de uma responsabilidade individual (cf. Ez 18): a evolução na maneira de compreender a paternidade de Deus, a sua presença não só na Arca ou no Templo, mas na comunidade e em cada indivíduo, são outros tantos exemplos que nos ajudam a compreender os desafios que o povo teve de enfrentar para responder de maneiras diferentes a Deus quando Deus lhes pedia fidelidade.

Por outro lado, a fé teve de enfrentar situações sociais e organizativas diversas, que a levaram a rever os esquemas anteriores em meio a inevitáveis tensões. A passagem da vida nômade e seminômada para uma vida sedentária; o aumento numérico do povo; a necessidade de uma organização monárquica que há de superar a tribal nos falamos, entre outras coisas, da história de Deus que se torna presente na história dos homens. No

Novo Testamento, vemos a Igreja dinâmica dos Atos dos Apóstolos, que procura resolver as problemáticas que vão surgindo paulatinamente: escolhem-se os diáconos, aceita-se a abertura aos gentios, toma-se a decisão de não obrigar os cristãos vindos do paganismo a observar a lei mosaica. Através de tudo isto, vemos claramente que Cristo não deixou as coisas já feitas, nem receitas para resolver as dificuldades e os problemas. Enviou o seu Espírito que acompanha a busca e apresenta as suas exigências na história. Corresponder a tais exigências com um discernimento de fé é, e será sempre, a manifestação de uma fidelidade ativa e responsável.

3. Respostas novas a novas situações para melhor servir a Deus e ao irmão

O progresso da revelação na história salvífica tem como fins suscitar uma resposta do homem à ação fiel e misericordiosa de Deus. **"Conhecer Iahweh"** implica uma relação existencial que compromete profundamente. Servir a Deus é **"defender a causa do pobre e do miserável"** (cf. Jr 22,16). As consequências do verdadeiro conhecimento de Deus são resumidas por Miquéias: *"Homem, foi-te ensinado o que é bom e o que o Senhor te pede: pratica a justiça, ama a piedade e anda humildemente com o teu Deus"* (Mq 6,8).

Os profetas procuram respostas sempre novas para novas situações. Foram homens comprometidos com Deus e com a época em que viveram. Denunciaram as injustiças,

proclamaram o juízo de Deus, anunciaram um futuro melhor, dom de Deus e fruto também da colaboração do homem por meio de uma esperança ativa.

Estes homens-consciência do Povo de Deus, profundamente imersos na problemática existencial, sabem contemplar os acontecimentos da história, julgá-los e explicar em voz alta o seu significado, as exigências de Deus, os erros do homem. Mais do que predizer o futuro, o profeta revela a autêntica dimensão do presente que interpela e questiona o homem e lhes pede uma criatividade que prepare um futuro que Deus dispõe com bondade e fidelidade, contando, porém, com a colaboração humana.

Na história da salvação, só se precisa estar unido ao passado como fecundador do presente e gerador do futuro. Não se volta ao passado, para nele se refugiar como se fosse a idade de ouro e para transformá-lo em nostalgia e saudade. Volta-se ao passado para recordar as maravilhas realizadas por Deus e para recobrar força e confiança em sua ação no presente e no futuro. Não se pode colocar um remendo de pano novo em uma roupa velha, nem derramar vinho novo em odres velhos (cf. Mt 9,14-17). A plenitude da revelação de Jesus Cristo relativiza esquemas e valores. Conserva uma força transformadora que, numa fidelidade ao essencial, se abre aos caminhos imprevisíveis do Espírito.

II. PROFETISMO DA VIDA RELIGIOSA E CRIATIVIDADE

1. Exigência da criatividade na missão profética do cristão

A Igreja voltou a tomar consciência — a partir do Vaticano II — da missão profética que todo cristão possui como **“testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e sinal do Deus vivo”** (L.G. 38; cf. também n.º 35).

Nesta missão profética existe uma profunda exigência de criatividade, porque parte de uma experiência de Deus como o Único Absoluto. Isto leva a relativizar todas as coisas no trabalho de ativa e responsável colaboração no anúncio e na propagação do Reino de Deus.

A própria experiência de Deus está sujeita a uma constante purificação, isto é, faz-se mister negar uma experiência de Deus para abrir-se a uma ainda maior. O processo terminará quando virmos a Deus tal como ele é (cf. 1Jo 3,2).

Por outro lado, o dinamismo da esperança requer uma contínua conversão no cumprimento da missão profética, que se concretiza na realidade candente da história e induz a um compromisso com o homem de todas as épocas e de todas as culturas. Embora a construção do Reino não possa descuidar-se dos elementos constitutivos das culturas humanas, *“o Evangelho, e portanto a evangelização não se identificam certamente com a cultura*

e são independentes em face de todas as culturas" (cf. E.N. 20). Aí está um desafio para a abertura e a criatividade, que tornam possível traduzir o que há de essencial na mensagem evangélica para uma linguagem compreensível, que corresponda às aspirações e ao modo de ser dos homens de cada época e de cada lugar.

2. Consagração religiosa: fonte de criatividade

O religioso, pela consagração baptismal tornada mais profícua com a profissão dos conselhos evangélicos (cf. LG 44), assume com maior empenho tudo o que a missão profética da sua vocação cristã supõe e inclui. É justamente a tomada de consciência desta missão que está ajudando os religiosos a redescobrirem a sua própria identidade na Igreja.

Paulo VI, ao destacar o fato de que "os religiosos encontram na vida consagrada um meio privilegiado para uma evangelização eficaz", assinala que "eles encarnam a Igreja desejosa de se abandonar ao radicalismo das bem-aventuranças. Com a sua vida são o sinal da total disponibilidade para com Deus, para com a Igreja, para com os irmãos" (EN 69). Esta disponibilidade caracteriza seu apostolado "com uma originalidade e genialidade (criatividade) que provocam admiração". Infunde-lhes uma grande generosidade e leva-os com frequência aos postos de vanguarda da missão, enfrentando os riscos do desconhecido (EN 69).

Não podia ser de outra maneira. A profissão dos conselhos evangé-

licos é, no seu aspecto-missão, uma **fonte de criatividade**. Os conselhos, considerados na perspectiva do plano salvífico de Deus, comunicam uma liberdade que nos permite ser disponíveis para corresponder com flexibilidade e sem liames de tipo algum às exigências do projeto de Deus. Isto consiste no fato de que, nas relações com ele, passamos do fatalismo à responsabilidade de filhos; nas relações com os outros, do ódio, da separação, da indiferença à fraternidade de uma família, de um povo, nas relações com os bens, de um uso que aliena para um uso que nos une aos outros na partilha. Dentro desta perspectiva, a obediência aparece como responsabilidade na história; a castidade como fonte e sinal de fraternidade; a pobreza como uso compartilhado dos bens e esforço para trabalhar na construção de uma sociedade justa e humana para todos. Ao mesmo tempo, vê-se a necessidade de dar sempre, numa fidelidade criativa, respostas novas e dinâmicas a estas exigências da consagração religiosa.

3. Institutos religiosos: carisma do fundador e releitura do carisma

Os Institutos religiosos surgiram como uma resposta histórica suscitada pelo Espírito Santo em face de situações de crise ou para ir ao encontro das necessidades dos homens. Inseriram-se maravilhosamente nas circunstâncias da época e falaram uma linguagem vital e compreensível aos contemporâneos.

Na fundação dos Institutos surge claramente a criatividade. As Congregações religiosas aparecem como

intervenções multiformes do Espírito em consonância com os problemas sociais e religiosos que caracterizam a história da humanidade nos diversos momentos. Da vida eremítica se passa à vida cenobítica. Juntamente com a vida monástica, nascem em um momento bem oportuno e mais de acordo com as circunstâncias as Ordens Mendicantes, cada uma com seus aspectos específicos, porém dentro de uma linha comum. Mudanças na Igreja e no mundo dão lugar a novas formas de vida religiosa e a reformas dos antigos Institutos. Em um mundo secularizado, tornam-se necessários estilos diferentes de consagração e serviço e, por isto, têm origem os Institutos seculares.

Toda esta gama de grupos consagrados a Deus é fruto de um carisma que, embora se concretize em um momento histórico, vai além deste momento. A sua função de serviço exige que permaneça aberto às novas necessidades se não quiser esgotar-se à medida que desaparecem as formas concretas em que ele se manifestou quando foi suscitado pelo Espírito. É necessário distinguir entre a vocação religiosa e o estilo de vida em que o carisma se manifesta.

III. OBSTÁCULOS A CRIATIVIDADE NA VIDA RELIGIOSA

No processo de crescimento dos grupos, como no das pessoas, existem etapas que só se atingem depois de esforços e lutas contra as dificuldades. Os obstáculos põem em jogo todos os recursos do indivíduo e do grupo. Ao mesmo tempo, se não forem superados, poderão frear o de-

O dinamismo da criatividade e a renovação só se poderão manter vivos quando se aceita a releitura do carisma para corresponder adequadamente aos "sinais dos tempos". É fundamental saber distinguir o que é essencial do que é simplesmente um condicionamento cultural. Em outras palavras, corre-se o perigo de não se ser fiel ao carisma por causa de uma fidelidade esclerosada às próprias realizações passadas.

É curioso observarmos como separamos os fundadores do seu contexto histórico. Assim, nós os mistificamos e os transformamos em baluartes de um imobilismo quando, na realidade, eles foram autênticos profetas que, fiéis ao Espírito, abriram novos caminhos e, em consequência desta criatividade, sofreram as tensões da incompreensão e da perseguição. Os condicionamentos culturais e eclesiais da época em que eles viveram explicam muitos aspectos de sua espiritualidade, da sua doutrina, do seu apostolado e da organização primitiva do Instituto. Não são, de forma alguma, algo de perfeito e de imutável. Releermos, portanto, o carisma inicial é a única forma de conservá-lo e de sermos a ele autenticamente fiéis.

envolvimento e esclerosar a capacidade de progresso e de renovação na vida.

Analisando a história e a atual experiência, surgem, entre outros, quatro obstáculos que reprimem a criatividade na vida religiosa.

1. Viver à margem da realidade

A tensão cristã entre o presente e o futuro, entre o provisório e o definitivo, unida a uma visão bastante maniqueísta da realidade, deu origem a uma espiritualidade da "fuga mundi". Esta caracterizou a vida religiosa. Afastou-a da realidade. No seu caminho, com frequência, desviou-a do rio do tempo. Lá fora a história continuava seu curso, a sociedade ia-se transformando, surgiam novos problemas e desafios à criatividade. Dentro da vida religiosa, havia muito pouca evolução. Na sociedade a realidade era bem diferente. Na vida religiosa, situada à margem da realidade, tudo permanecia quase idêntico nos Institutos das diversas nações e dos mais variados lugares.

Hoje, quando pensamos que tal limitação já foi superada, deparamos com algo que ainda se acha presente. E isto apesar de o Concílio haver falado de uma Igreja no mundo, de uma Igreja que participa das alegrias, das esperanças, das tristezas e das angústias deste (GS 1). Todavia, não se aceita a realidade de um mundo em mudança e em constante evolução. É verdade que se procuraram algumas adaptações e alguns retoques no nosso estilo de vida e de apostolado. Não obstante isto, porém, falando de maneira geral, persiste um não-conhecimento da realidade em que vivemos e em que outros vivem. Isto faz que, com a maior boa vontade, **se ponha um freio à criatividade** em nome de uma unidade entendida como uniformidade. O viver à margem dos grandes problemas da humanidade é fato visível até nos Ca-

pítulos e nas reuniões oficiais dos religiosos, onde, não raro, os vemos fixarem sua atenção em problemas relativos e secundários que absorvem o interesse, o tempo e as energias. Sem o estímulo de uma realidade que questione incessantemente, acaba vindo o cansaço e a esterilidade. Responde-se com fórmulas estereotipadas. Apaga-se a centelha do engenho e da imaginação criadora, animada pelo Espírito que renova a face da terra. Cai-se numa auto-suficiência que pretende ter respostas pré-fabricadas para tudo.

2. Sacralização das estruturas

Os fundadores dos Institutos religiosos procuraram servir a Deus e ao próximo. E, nas circunstâncias em que vivemos, perceberam a voz do Espírito que os chamava a uma ação livre e responsável na história da salvação para o bem dos seus irmãos. Seu carisma encontrou força para se expandir e se comunicar a outros, que a eles se uniram nesse primeiro momento da busca dos caminhos de Deus para si mesmos e para os outros. Estas primeiras comunidades dos Institutos religiosos constituíam autênticos **espaços de criatividade**. As estruturas, indispensáveis e necessárias em todo grupo humano, eram uma projeção da vida e, por isto mesmo, favoreciam o crescimento das pessoas e dos grupos. As formas concretas, mediante as quais se manifestou o carisma, correspondiam à sua época. Estavam ligadas à realidade. Prestavam os serviços requeridos pelas circunstâncias. Elas punham em dúvida, em muitas ocasiões, as estruturas civis e eclesiais, quando estas não estavam de acordo com o projeto de

Deus. Erguiam sua voz profética de anúncio e de denúncia.

Todo este dinamismo e toda esta vitalidade dos princípios foram sendo pouco a pouco encerrados nos estreitos padrões das estruturas, que já não eram o reflexo da vida. Eram simplesmente repetições de formas do passado que, inseridas e enxertadas em pessoas e em grupos, os condicionavam e dominavam, a ponto de separá-los da vida real. Este processo, fenômeno inconsciente, mas próprio da evolução dos grupos humanos, possui um efeito esclerotizante. Ele se acentua quando entram em jogo — como na vida religiosa — elementos sacralizantes que mistificam concretizações históricas e absolutizam mediações, somente explicáveis em uma situação particular. A sacralização torna tudo isto duplamente intocável. Criam-se modelos que devem ser reproduzidos materialmente. Extingue-se a fonte da criatividade e vai-se cavando um abismo profundo que separa as pessoas do presente, para deixá-las imersas em um passado que não existe mais. Os conceitos de mundo, Igreja, vida religiosa e apostolado, costumes, horários e modos de vestir são transmitidos teórica e existencialmente, sem nenhuma atitude crítica. Não se pode tocar em nada, nem modificar coisa alguma. O que foi estabelecido deve permanecer sempre do mesmo modo. Os serviços que se prestavam antigamente continuam a ser prestados, mesmo quando não são mais necessários, ou existem muito poucas pessoas que os reclamam da maneira como eram prestados.

Tudo isto ocorreu com os Institutos religiosos. E ainda estamos pa-

gando o preço da estabilização secular de suas estruturas.

3. A busca de segurança

A evolução e a mudança não podem realizar-se sem tensões. A história é conflitiva. O avanço supõe rupturas, lutas, contradições. E é precisamente por isto que surge na vida religiosa a tentação do imobilismo que, mesmo quando já petrificado, dá a segurança do conhecido.

Em toda experiência nova de transformação existem excessos e erros inevitáveis. Eles são o preço que se precisa pagar para avançar. São uma condição para que a criatividade possa abrir um espaço para si.

A psicologia humana teme o novo e o desconhecido. No campo religioso este temor é ainda maior por causa da conexão que tem com as realidades que fogem ao controle do homem. Daí o apego ao tradicional, aos estilos de vida já experimentados, à programação da existência em seus mínimos detalhes. Em tudo isto se vê uma garantia de salvação e de santificação.

Não nos devemos, pois, admirar com o fato de haver hoje o fenômeno do refluxo: voltar à segurança do passado. Entre o risco da busca e da criatividade e a segurança que dão algumas estruturas codificadas, prefere-se a segurança. Muitos se mostram inquietos enquanto não se aprovam as Constituições “definitivas”, sem se darem conta de que, em um mundo dinâmico e evolutivo, somente caminhando contra a história é que se pode fazer algo de definitivo.

4. Falta de discernimento evangélico

O último obstáculo à criatividade que eu gostaria de assinalar é o da falta de discernimento evangélico nas nossas Comunidades e nos nossos Institutos.

A essência do discernimento comunitário explica-se mediante uma visão estática da sociedade e através da ausência de uma consciência clara do que Deus está realizando na nossa história, consciência que deveria manter-nos atentos à ação divina nos "sinais dos tempos". Isto

explica um teimoso apego a fórmulas de vida, de organização, de apostolado. E ainda ocorre o fato de que, quando decidimos reagir, o caminhar da história já se acha bastante afastado e bem distante de nós.

Examinar a realidade, julgá-la à luz da fé para nela agir são etapas necessárias a uma autêntica criatividade evangélica. Sem uma análise dos fatos da vida na perspectiva do Evangelho, a vida religiosa não poderá realizar o seu serviço carismático e profético na Igreja.

IV. CONDIÇÕES PARA A CRIATIVIDADE NA VIDA RELIGIOSA

É evidente que a superação dos obstáculos que apontamos constitui condição indispensável para que a criatividade abra para si um espaço na vida religiosa. Explicaremos isto, agora, brevemente, nesta parte da exposição. Vamos assinalar cinco condições fundamentais.

1. Ter presente a realidade e não se descuidar da formação permanente

Já observamos que os Institutos religiosos nasceram com uma função de serviço evangélico que correspondia às necessidades da época em que apareceram. Assim, encarnados em sua realidade e com esta realidade comprometidos, colaboravam com o anúncio e a expansão do Reino de Deus na história. Seus trabalhos se realizavam dentro de esquemas mentais próprios do seu tempo.

Tais esquemas já foram superados. A vida religiosa, como dissemos, demorou demasiadamente para se dar conta desta evolução. Por viver à margem da realidade não conseguiu, no momento oportuno, comprometer-se com as novas exigências de Deus, manifestadas na história. Por falta de adaptação criativa, seu trabalho evangelizador, através de sua vida e de seu apostolado, não encontrou a mesma ressonância inicial.

Hoje, a vida religiosa precisa, como o fizeram os fundadores dos Institutos, encarnar-se no mundo em que vive e com ele comprometer-se. A Boa Nova da salvação, anunciada pelo testemunho e pela proclamação, só poderá ressoar eficazmente quando se levar em conta a vida concreta, pessoal e social do homem, porque *"a evangelização supõe uma mensagem explícita, adaptada às di-*

versas situações, constantemente atualizada, sobre os direitos e os deveres de cada pessoa humana, sobre a vida familiar, ... sobre a vida comum na sociedade, sobre a vida internacional, a paz, a justiça, o desenvolvimento: uma mensagem, particularmente corajosa nos nossos dias, sobre a libertação" (EN 29).

O contato com a realidade deve ser acompanhado por uma reflexão e uma assimilação vitais, constantes, fortalecidas por uma **formação permanente** espiritual, teológica e pastoral.

2. Saber distinguir entre o essencial e os condicionamentos culturais

Uma segunda condição para a criatividade na vida religiosa é a **flexibilidade**, uma flexibilidade que parta de uma distinção entre o que é fundamental e o que é secundário; entre o que emerge da própria essência do carisma religioso e o que é simplesmente fruto de uma cultura, de uma mentalidade; de uma situação particular, de uma época determinada.

Neste sentido, os níveis institucionais da vida religiosa e os centros decisoriais devem abrir-se a um diálogo com a base para chegarem à unidade de estruturas gerais em uma diversidade de realizações. É evidente que, mesmo quando se fala de subsidiariedade, de corresponsabilidade e de sadio pluralismo na unidade, os Institutos religiosos não traduzem isto suficientemente em concretizações reais. Existe também o fenômeno da identificação de formas de organização do passado — e de um passado europeu — com

coisas essenciais. Isto acontece igualmente com Institutos nascidos fora da Europa. As exigências oficiais para a aprovação das novas Constituições evidenciam exatamente este ponto. Com isto, limita-se e prejudica-se a criatividade até na redação, e, através de observações e correções de textos, pretende-se impor uma visão e uma teologia da vida religiosa condicionadas por uma cultura e uma época particulares.

3. Aceitar o risco da fé e dos desígnios de Deus

A história da salvação é a história de um contínuo caminhar acompanhando as pegadas do Senhor. A vida cristã é caracterizada como um seguimento de Jesus na fé: *"É norma fundamental da vida religiosa o seguir Cristo como foi ensinado no Evangelho, e esta norma deve ser tomada em consideração por todos os Institutos como sua regra suprema"* (PC 2).

Nada se opõe tanto ao seguimento de Cristo como a busca de uma segurança que não se apóie exclusivamente na bondade e na fidelidade de Deus. É preciso estar sempre a caminho. Uma nova descoberta, uma nova experiência de Deus na história, uma nova exigência de sua parte podem levar a uma caminhada inesperada. O caminho terminará quando virmos a Deus tal como ele é (cf. 1Jo 3,2).

Aceitar viver **numa situação de êxodo**, de saída, constitui condição indispensável para haver na vida religiosa a criatividade como resposta aos caminhos de Deus, sempre diferentes dos nossos (cf. Is 55,8-9).

4. Discernimento evangélico

A consagração religiosa é, entre outras coisas, um esforço em favor da disponibilidade para o cumprimento da vontade de Deus no serviço aos irmãos. Para isto faz-se necessário o auxílio do Espírito Santo. Nós não sabemos o que convém realmente fazer nas circunstâncias concretas. O Espírito intercede por nós e nos leva a descobrir o que Deus nos pede (cf. Rm 8,26-27).

O discernimento, como contínua busca da vontade de Deus, é o meio de que dispomos para encontrar novos estilos de vida religiosa e de serviço apostólico. *"Saber discernir é saber tomar consciência do que convém fazer e da maneira como precisa ser feito, a fim de que a nossa existência esteja constantemente sob a moção do Espírito"* (CLAR, **A vida segundo o Espírito nas comunidades religiosas da América Latina**, Bogotá, 1973, p. 54).

Os "sinais dos tempos", os sucessos e as inquietações, as correntes de pensamento e de ação que caracterizam um determinado momento histórico e lhes imprimem o seu selo, são um dos canais principais através dos quais a voz de Deus chega até nós. Faz-se mister, portanto, tomarmos consciência destes sinais dos tempos e examiná-los criticamente, em um clima de fé orante. Assim, aos poucos iremos percebendo o que o Espírito nos pede. E será então que deveremos aceitar as conseqüências com uma atitude de disponibilidade e de pobreza. Não é possível termos uma certeza total. É necessário assumirmos mediações, conscientes de que estas

são relativas e que devem estar sujeitas a revisão, para poderem corrigir os erros e melhorar o que há nelas de positivo. Não nos é possível esperarmos até termos uma certeza e uma perfeição absolutas. Não chegamos à meta. Ainda estamos a caminho. O discernimento evangélico nos leva a **"não extinguir o Espírito, a não desprezar as profecias, a examinar cada coisa, a conservar o que é bom"** (cf. 1Ts 5,19-21).

5. Disponibilidade e conversão

A abertura da vida religiosa a novas perspectivas de criatividade supõe uma autêntica conversão como mudança de mentalidade e de atitude. Somente uma conversão nos pode colocar, de modo novo e diferente, diante do sentido de nossa vocação e de nossa missão na Igreja e no mundo.

A base de toda mudança consiste na experiência de algo diferente. Por isso, se tomarmos consciência de um mundo que sofreu mudanças, não poderemos deixar de questionar os nossos objetivos tradicionais e os nossos estilos de vida e de apostolado.

É necessário reconhecemos que podemos permanecer impedidos por uma série de bloqueios de tipo afetivo e irracional, que nos levam a assumir posições rígidas e desproporcionais em face das questões do mundo de hoje. Haveremos de superá-las na medida em que procurarmos compreender o porquê das novas situações. Outras vezes, os bloqueios serão racionais: sustentamos a nossa verdade com argumentos sem levarmos em conta, po-

rém, condicionamentos subjetivos e culturais que os sustentam.

Cristo prega uma conversão condicionada pelas exigências do Reino, fazendo-nos viver como filhos de Deus, protagonistas da história, em uma comunhão de povo e de família que transforma o mundo em um lugar de encontro e de participação dos bens. Jesus nos convida a deixarmos a nossa auto-suficiên-

cia, o apoio colocado nas riquezas, a segurança das obras (cf. Mc 10,21-25; Lc 18,9-14).

Na medida em que superarmos o egoísmo, a auto-suficiência, a falsa segurança, o fatalismo, obteremos a disponibilidade que a conversão nos propicia, a fim de que encarnemos a nossa vida nas circunstâncias históricas em que estamos colocados.

V. OS DESAFIOS ATUAIS À CRIATIVIDADE NA VIDA RELIGIOSA

Este último ponto da nossa exposição tenciona assinalar alguns dos principais desafios à criatividade da vida religiosa no momento atual. Alguns deles nascem dos diversos contextos sociais e culturais; outros fazem parte das atuais exigências de caráter geral. Não pretendemos apresentar uma lista exaustiva. Enumeraremos somente os que consideramos mais importantes para a vida religiosa masculina. A vida religiosa feminina possui, além destes, desafios específicos, como, por exemplo, o dos movimentos de promoção da mulher, o dos novos ministérios eclesiais e outros.

1. Desafios nas sociedades desenvolvidas e no mundo secularizado

A secularização, entendida como dessacralização, laicização, insiste nos valores temporais: ciência, existência humana nesta terra, trabalho em confronto com o chamado "sagrado". A secularização está caracterizando cada vez mais o mundo de hoje.

A vida religiosa tem suas raízes em um mundo sacral. Desenvolveu-

se, através dos séculos, dentro de esquemas sacralizadores. Por esta razão, ela encontra hoje, em um mundo secular, fortes desafios à criatividade. Entre outros, podemos destacar os seguintes:

— como superar a tentação de fugir do mundo, para desprezar ou esvaziar de sentido a relação com o mundo;

— como não cair no secularismo, que nega outras realidades extramundanas e valoriza exclusivamente a relação do homem com o mundo;

— como construir existencialmente uma nova espiritualidade dos votos no seu aspecto-missão, considerado dentro do projeto de Deus;

— como testemunhar de modo inteligível a dimensão transcendente e espiritual do homem, que não vê satisfeitas as dimensões contemplativas do seu ser em um mundo apressado e ruidoso;

— como passar dos sinais sacralizadores (hábito, linguagem, ritos...) para os seculares: eficiência, solidariedade, justiça, competência, responsabilidade, serviço...

— o desafio da exigência de uma vida simples em uma sociedade de consumo;

— o desafio da secularização das obras de ensino, de assistência social e de salvação, que os religiosos fundaram e mantiveram e que cada dia mais vão passando para as mãos do Estado;

— o desafio de um crescente processo de desumanização que exige um testemunho de humanização e valorização da pessoa.

2. Desafios nas sociedades do Terceiro Mundo

Enquanto que nas sociedades desenvolvidas o interlocutor da vida religiosa é o homem materialista e ateu, nas sociedades do Terceiro Mundo é o homem que vive em condições infra-humanas, e, no caso da América Latina, em sociedades que se dizem cristãs.

Esta realidade diferente apresenta tipos diferentes em alguns dos desafios que citamos anteriormente, mas também propõe outros, como:

— experiência de Deus e das suas exigências em um mundo de miséria, marginalização e exploração, para serem contemplativos no trabalho de libertação;

— práxis dos votos que corresponda mais explicitamente a estas situações: **a pobreza** como opção pelos oprimidos, como luta contra a injustiça, como liberdade para tomar decisões que supõem riscos. **A castidade** como disponibilidade para trabalhar pela justiça, pelo amor, pela paz, pela fraternidade.

A obediência como caminho para resolver a antinomia liberdade-autoridade nas relações humanas, como uma denúncia do exercício totalitário da autoridade e do conceito individualista e egoísta da liberdade;

— vida comum mais simples, mais fraterna e mais inserida no meio do povo, com relativo abandono da segurança que vem do prestígio e o poder;

— necessidade de superar modelos medievais ou europeus no estilo de vida, para torná-la compreensível e para encarná-la nas diversas culturas e na nossa época;

— passagem da linha assistencial na evangelização para a da promoção libertadora.

3. Desafios da evangelização

“Os religiosos... encontram na vida consagrada um meio privilegiado para uma evangelização eficaz... Graças à sua consagração religiosa, eles são, por excelência, pessoas que, voluntária e livremente, escolheram deixar tudo para anunciar o Evangelho até os confins do mundo” (EN 69).

Esta dimensão apostólica da vida religiosa encontra também grandes desafios no momento atual. São desafios que exigem uma espiritualidade de compromisso como convivência profunda e prática do amor cristão. Isto hoje implica a dimensão política da caridade porque o próximo não é apenas o indivíduo isolado mas as massas oprimidas pelas estruturas sociais injustas e

desumanizantes. A caridade apostólica está exigindo um esforço em favor da transformação destes sistemas e do mundo, por meio de uma evangelização em indispensável conexão com a promoção humana, com o desenvolvimento e com a libertação (EN 31, SCRIS, **Religiosos e promoção humana**).

A opção pelos pobres e pela justiça exigem hoje uma revisão de atividades e obras sociais dos religiosos, e, ao mesmo tempo, requeiram uma nova inserção no mundo do trabalho e um compromisso sócio-político na linha da promoção humana, da justiça e da paz (cf. SCRIS, **Religiosos e promoção humana**).

4. Desafios da unidade no pluralismo e da releitura do carisma

A vida religiosa, colocada à margem da realidade, pôde manter, durante muitos séculos, uma unidade na uniformidade. Colocada dentro de certos esquemas, quase imutáveis, fazia com que aquele que entrasse na vida religiosa vivesse, de modo idêntico a todos os outros, a própria consagração. E isto acontecia apesar da diversidade de raça, de cultura, de ambiente e de época. Trata-se de um fenômeno que podemos observar nos diversos Institutos, Províncias e Comunidades. É interessante verificarmos a grande semelhança, inclusive no que se refere à redação das Constituições, Diretórios e Regras de Vida, que tinham entre si os Institutos, e até mesmo os fundados em séculos diferentes.

Os religiosos não puderam deixar de acentuar o que se achava presente na Igreja — pelo menos a do Ocidente: um mesmo Direito Canônico, uma mesma liturgia na mesma língua morta, uma idêntica teologia escolástica ou neo-escolástica, para aprofundar a revelação, sempre do ponto de vista da mentalidade greco-latina. Em uma palavra, a uniformidade reinava como símbolo e garantia da unidade.

Na passagem de uma Igreja que vivia à margem do mundo para uma Igreja inserida no mundo, surgiu o problema de uma encarnação em todos os ambientes e, com isto, um novo modo de unidade, agora no pluralismo. A solução disto é muito urgente. Dela depende o sabermos de que modo a Igreja pode estar mais eficazmente presente em um mundo pluriforme e em constante mudança.

Os Institutos religiosos começaram a perceber que o carisma específico de cada um não só pode como deve ser relido a partir das circunstâncias particulares em que vivem. O modo tradicional de ser religioso, que se vivia na Europa e que daí se transplantava para todas as partes do mundo e era recebido como a coisa mais normal, agora passa a ser questionado. Percebemos em todo o mundo o desafio do momento: assumir, de forma criadora e responsável, os desafios que a realidade lança à vida religiosa. O desafio de conservar a unidade na fé, no amor, na esperança; é isto que constitui o que há de fundamental na consagração religiosa e o que é essencial no carisma. E, simultaneamente, um pluralismo legítimo na for-

ma de viver e de expressar tudo isto.

A criatividade na vida religiosa encontra aqui um desafio muito grande. Devemos aceitar as tensões decorrentes da busca, da reflexão, das experiências para podermos encontrar as respostas adequadas à exigência de um pluralismo na unidade.

CONCLUSÃO

Como religiosos, estamos colocados na história. Uma história em constante evolução, que se questiona e que exige de nós **respostas**

criativas. Estaremos em condições de dá-las se partirmos de uma atitude de **disponibilidade** para superar o apego a obras e tradições, que já perderam seu sentido, e para abrir-nos aos caminhos sempre novos e imprevisíveis do Espírito.

Mediante uma **fidelidade criativa** ao nosso carisma na Igreja, poderemos abrir novos caminhos de expressão que permitirão às gerações religiosas futuras dar a sua resposta e oferecer a sua colaboração concreta e encarnada ao único Senhor da história. É a Ele que queremos servir quando servimos aos irmãos.

Comunidade Eclesial de Base

1. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) não nasceram nem nascem de atos de ruptura ou rebeldia contra a Igreja. Não devem sua origem a atitudes de desafio ou de oposição de grupos fechados de fiéis à Igreja hierárquica. Elas nascem em comunhão visível e institucional com a Igreja.

2. O que caracteriza uma CEB é ser uma comunidade de fé, de esperança e caridade. Estas virtudes teológicas manifestam-se e devem ser vividas na interioridade única de cada pessoa, no seu relacionamento absolutamente singular com Deus, no âmbito interno da comunidade eclesial e extra-eclesialmente em todos os relacionamentos de cada um.

Miquéias, 6, 8

Homem, foi-te ensinado o que é bom e o que o Senhor te pede. Pratica a justiça. Ama a piedade. Anda humildemente com teu Deus.

Predizer e interpretar

Mais do que prever o futuro, o profeta revela a autêntica dimensão do presente que interpreta e questiona o homem. Pede uma criatividade que prepare o futuro que Deus dispõe com ordem e fidelidade, contando com a colaboração humana.

INCULTURAÇÃO

Não haverá diálogo se a Igreja se assegura um lugar sobre o mundo e não no mundo. A Igreja não deve apresentar-se ao mundo como docente, pedindo só a obediência. Deve procurar a verdade com o mundo e como o mundo pode. De outra maneira seu diálogo será um solilóquio,
João Paulo II

Pe. Calisto Vendrame M.I.

Há séculos a Igreja ensina que na evangelização se deve respeitar o contexto social e cultural dos povos. Já em 1659 (após quase um século do caso Mateus Ricci), a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé dava aos vigários apostólicos da China e da Indochina esta instrução: "Não façam nenhuma tentativa para persuadir aqueles povos a mudar seus costumes, seu modo de viver, seus hábitos, quando não sejam abertamente contrários à religião e à moralidade. Não existe nada de mais absurdo do que querer levar para a China a França ou a Espanha ou a Itália ou outra qualquer parte da Europa. Não isso, mas a Fé é que devem levar, Fé que não rejeita e nem ofende o modo de viver e os costumes de nenhum povo, quando não se trata de coisas más; antes, quer que tais coisas sejam conservadas e protegidas" (1).

Lendo essas diretivas trezentos anos mais tarde — depois do Vaticano II e no clima da reflexão

teológica do pós-Concílio — vem-nos espontânea a pergunta: As coisas que eram tidas como más pelos nossos irmãos do Seiscentos, no modo de viver e nos hábitos do povo, eram realmente más? E aquilo que eles pregavam como exigência da Fé, eram verdadeiramente exigências da Fé ou condicionamentos culturais de seu país de origem?

Hoje mais do que nunca a Igreja toma consciência do papel da cultura na vida religiosa do homem — seja de quem evangeliza, seja de quem é evangelizado — e da necessidade de evangelizar as próprias culturas. E isto não de forma decorativa, mas indo às raízes, se quisermos evitar equívocos e dramas.

Um ponto alto no caminho desta tomada de consciência, foi atingido no Sínodo dos Bispos de 1974, interpretado e proposto a toda a Igreja por Paulo VI na "Evangelii Nuntiandi". Embora pareça que na "Catechesi Tradendae" se dê um passo atrás em relação à lúcida po-

sição da E.N. pode-se dizer que o fenômeno da inculturação já entrou de forma irreversível na história da Igreja.

A tomada de consciência da necessidade da inculturação da mensagem evangélica, abre novos caminhos ao trabalho missionário, quer nos países não ainda cristãos, quer naqueles pós-cristãos. Nós devemos conhecer e percorrer estes caminhos, se não quisermos que após outros trezentos anos um outro Papa tenha que constatar, como Paulo VI: "A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras" (EN 20).

A medida que explorava o campo para este trabalho via que o horizonte se alargava sempre mais e parecia-me quase impossível atingir meu intento no tempo que tinha à disposição para a pesquisa; e muito difícil depois resumir os resultados nos limites de um artigo.

A inculturação traz consigo a revisão de toda a pastoral, a partir das bases bíblicas e teológicas, até às expressões mais simples da fé no viver quotidiano. Somente um estudo interdisciplinar que leve em conta os aspectos antropológicos, sociológicos, históricos, filosóficos e finalmente teológicos, pode situar e iluminar suficientemente toda a problemática enfiada na palavra "inculturação".

Significado do termo

Mas por que este neologismo? Perguntam-se muitos que continuam a traduzir em suas línguas "incul-

turação" por "aculturação" ou termos equivalentes (2).

O termo não surgiu por acaso, mas amadureceu na reflexão e veio batizar toda uma realidade em movimento no campo teológico-pastoral e na ação missionária. Reflexão e ação eclesiais que não andam separadas do caminhar da história e da evolução da sociedade. Vivemos numa época em que os povos tomam consciência do valor e do papel determinante da cultura na formação das consciências, na expressão de sua originalidade e na construção da própria história.

A cultura é com efeito o ambiente que o homem se cria para viver, a partir da natureza. Existe uma contínua relação dialógica entre natureza e cultura que se desenvolve de forma diferente em cada povo e em cada grupo humano. Se o homem não é um simples órgão da natureza e nem uma prótese, mas o centro e o vértice para qual e em torno do qual foram chamadas à existência todas as criaturas (Gen 1-2); se o homem tem verdadeiramente o poder e a missão de conhecer, conquistar e levar a termo a obra da criação; se ele é na realidade o senhor do mundo criado e o artífice do próprio destino, então podemos dizer com razão que é pela cultura que cada homem e cada povo se salva ou se vota à destruição.

Cada povo tem a sua identidade, uma cultura que continua, mesmo se às vezes submerge, como alguns rios que depois reemergem com as mesmas águas. Existe como que uma memória histórica coletiva que une os tempos, que liga entre si os

cidadãos e os distingue de qualquer outro grupo humano. Assim cada povo tem sua maneira peculiar de por-se em relação com a natureza com os outros e com o Outro; dispõe de critérios próprios para julgar, tem seus centros de interesse, suas linhas de pensamento, suas fontes de inspiração, suas crenças, seu "ethos", seus modelos éticos e morais, sua qualidade de vida, sua mentalidade, o horizonte de seu espírito, sua alma; possui um conjunto de valores e contra-valores sustentados pela consciência coletiva.

Estes valores e contra-valores se exprimem e se transmitem pela língua, pelos símbolos, pelas lendas, pela produção artística e literária, pelos costumes, pelas instituições, pelas estruturas da convivência social. O cidadão, cada membro do grupo, vem formado e como que modelado no cadinho da sociedade, através do conhecido processo de socialização e inculturação. A cultura o envolve do nascimento à morte, o plasma, o controla, o condiciona.

É verdade que o homem é livre por natureza e que pode também transformar a cultura. Quanto mais se alarga o horizonte de seu conhecimento, tanto mais ele se sente livre para escolher seus caminhos, para traçar a trajetória de sua vida e também para influir sobre o ambiente e imprimir novas direções à cultura. Esta de fato, sofre um contínuo desafio de valores e contra-valores e se modifica e se transforma de acordo com o domínio e a projeção de valores já presentes, ou então com o aparecimento de

novos valores na consciência e na experiência existencial do povo. Trata-se porém, em geral, de uma gestação lenta que envolve toda a comunidade. Nas mudanças bruscas existe o perigo de que o indivíduo perca o contato com as raízes, se isole do grupo natural e perca a própria identidade. Cortado da intercomunicação normal nos diversos níveis da vida, terá necessidade de ser alimentado artificialmente de fora, para não perecer ou ser reabsorvido pelo grupo.

Uma evangelização que não levasse em conta esta realidade e que não fosse suficientemente escoimada dos elementos culturais estranhos para poder se aninhar na própria matriz do pensamento, na respectiva nascente da experiência religiosa do povo, seria destinada a ser varrida pelo tempo, eliminada da vida. É a lógica da vida e o "know how" da Providência que quis e quer a diversidade dos povos e das culturas como expressões da riqueza e sabedoria inexaurível de Criador.

A dimensão religiosa do espírito humano é talvez a mais profunda e determinante de seu modo de ser. Está na origem e à base das mais diversas culturas. Podemos dizer com Dawson: "A religião é a chave da história" (3). A religião é tão ligada à cultura e a cultura é tão ligada à vida, que, para evangelizar em profundidade, de modo a transformar por dentro o homem, é necessário que a mensagem se encarne na cultura como o Verbo se encarnou na humanidade.

Depois do primeiro corajoso e, direi, afoito esforço de incultura-

ção da mensagem evangélica no mundo greco-romano, existiu um longo período de estabilização, a ponto de não mais sentir-se a necessidade de novas inculturações. Para chegar onde nos encontramos, a evangelização do povo percorreu um longo, fadigoso e sofrido caminho, na maior parte do qual se visava mais a conversão dos indivíduos e salvação da alma do que propriamente suscitar florescentes igrejas locais.

Uma primeira nova etapa aconteceu com a perspectiva da **plantatio ecclesiae**, embora ainda com a visão de um sistema uniforme e monolítico. Não obstante a diretriz clara de Pio XII: "Cuidem bem de não transplantar nos países de missão, como se transplanta uma árvore, as formas culturais dos povos europeus" (4), a **implantatio** veio confundida com a **transplantatio** pura e simples das estruturas, da práxis pastoral, dos modelos de vida religiosa e litúrgica da igreja mãe, de modo a obter fotocópias, tanto mais elogiadas quanto melhor elas reproduziam a matriz estrangeira.

É interessante e instrutivo, sob este aspecto, ler como um protagonista da fundação camiliana no Brasil descreve o sucesso obtido nos primeiros quarenta anos, antes que o diabo, protegido pelo escudo conciliar, estragasse a promissora Província (5).

A segunda fase pode ser denominada fase da **aculturação**: palavra de significado polivalente, usada ainda muito antes do Concílio Vaticano II, e que designa o encontro amigável da Igreja com as

culturas. Para que este encontro seja possível e frutuoso faz-se necessário uma **adaptação**, uma abordagem benévola e respeitosa, que concede alguma coisa, que assimila alguns aspectos externos da nova cultura, na convicção porém de que a mensagem tem pouco a ganhar no campo da expressão da fé, já fixada em fórmulas conceituais e verbais intocáveis. Quer-se, no fundo, apenas uma condescendente convivência pacífica em vista da conversão que praticamente implica a integração do evangelizando no mundo religioso cultural do evangelizador, porque a mensagem evangélica não é isolável da cultura mediterrânea na qual se exprimiu e enriqueceu uma vez por todas no curso dos séculos (6). É característica desta fase a insistência sobre os perigos da contaminação da fé e da moral, sobre a necessidade da **purificação** dos elementos (alguns) aproveitáveis das culturas locais. Com esta atitude mais confiante no que já foi estabelecido do que na perene atuante presença do Espírito Santo, é difícil evitar o que acontece em todas as formas de aculturação entre os povos: a cultura dominante acaba por absorver e fazer desaparecer a cultura mais frágil. E quando isso não acontece porque os cristãos continuam minoria, a Igreja é considerada estrangeira pelos cidadãos do país.

É sobretudo a partir do Concílio Vaticano II que se fala de **encarnação** da mensagem, numa linha de mútuo enriquecimento, de assimilação de valores num humilde diálogo com as culturas dos povos. Encarnação que exige uma **indigenização** da Igreja, que "deixe fazer-

se autóctone para os vossos países, para as vossas culturas, para as vossas raças" (7). Estava-se assim no bom caminho que tomava contornos sempre mais claros e amplos, até se tornar a grande via internacional no Sínodo dos Bispos em 1977, quando foi batizada oficialmente com o nome de **inculturação** (8).

Com este termo, que lembra o mistério da encarnação do Verbo, se quer designar a inserção da fé cristã na matriz cultural de um povo de modo tal que venha assimilada e reexpressa por este povo de modo próprio e original e se torne uma dimensão fundamental de sua vida e de seu pensamento. Esta inserção dá-se através de um longo processo que tentaremos descrever para ilustrar melhor o sentido rico e profundo da inculturação.

Processo de inculturação

No processo de inculturação podemos distinguir, para maior clareza de exposição, quatro elementos:

1. — "Inculturação" do missionário
 2. — Anúncio da mensagem
 3. — Assimilação da mensagem
 4. — Reexpressão da mensagem
- (9)

1 — O Filho de Deus que sendo rico se fez pobre para que nós nos tornássemos ricos através da sua pobreza (confr. 2 Cor 8, 9) continua a ser o modelo de todo cristão que queira levar avante sua missão. A kénosis, isto é, o esvaziamento de si, a libertação dos pró-

prios modelos culturais, até mesmo das categorias mentais e da própria língua, são condições indispensáveis para poder sintonizar com o destinatário da mensagem. O missionário foi descrito por Cristo como um homem sem casa, um viajante sem malas (Mt 10, 10-11); uma espécie de apátrida cultural.

Este esvaziamento implica a morte às coisas mais caras que custaram ao missionário anos de fadiga para adquiri-las e aperfeiçoá-las; morte também a tudo aquilo que passou a fazer parte da vida afetiva e cultural através do processo de socialização no país de origem.

É evidente que o missionário estrangeiro não poderá nunca inculturar-se plenamente como aquele que nasce e cresce no lugar. Não poderá jamais orgulhar-se de ser chinês ou africano, como Jesus foi judeu. Inculturados desta maneira serão somente os missionários nacionais que ele suscitará e educará na fé. Mas a morte deve chegar até onde é possível. Se o missionário se recusa a morrer, morrerá a missão. É palavra de Deus: "Se o grão de trigo caído na terra não morre, fica só; se ao invés morrer, produzirá muito fruto. Quem ama a própria vida a perde..." (Jo 12, 24-25).

2 — **O anúncio da mensagem** será feito de maneira que possa ser recebido pelo destinatário. Sabemos quanto a precognição condiciona a recepção. "Quidquid accipitur, ad modum recipientis accipitur" diziam já os escolásticos. Esta sentença acentua, como determinante, a condição cultural daquele

que recebe o ensinamento. Mas não se deve esquecer o condicionamento cultural daquele que o transmite. Na transmissão da mensagem é a mediação cultural do mensageiro que torna difícil e às vezes impossível a compreensão por parte do evangelizado. Para entender certas formulações dogmáticas cristológicas e trinitárias de nossos catecismos, é necessário conhecer a filosofia grega e escolástica. Nenhum de nós foi admitido ao estudo da teologia sem antes ter feito ao menos um biênio de filosofia aristotélico-tomista. Era condição indispensável para poder entender as "codificações" teológicas e jurídicas do cristianismo que se tinha inculturado até a raiz dos cabelos no mundo greco-romano e medieval, ou, como se prefere dizer hoje, na cultura mediterrânea.

A um povo que não adquiriu as nossas categorias mentais escolásticas, ou que as tenha esquecido há muito tempo, a mensagem cristã, enriquecida pela experiência e pela reflexão dos tempos da Igreja, deve ser descodificada e descolástica para ser compreendida. Ou então ter-se-á que "mediterraneizar" ou "romanizar" o povo. Também no início do cristianismo, existiam os que queriam "judaizar" os pagãos, antes que "desjudaizar" o Evangelho. Porém ficou claro desde o 1º Concílio da Igreja de que o Espírito Santo não é deste parecer. (cfr. Atos 15; Gal 2). Se os missionários de todos os tempos tivessem adotado a sabedoria dos Apóstolos e tivessem esquecido em casa o catecismo, como fez Mateus Ricci, a China talvez fosse cristã hoje (10).

3 — Quando a mensagem cristã vem apresentada livre da "codificação" (não confundir com enriquecimento) mediterrânea e modelada segundo as categorias mentais e segundo o gênio próprio da cultura local, então é compreendida e pode ser **assimilada** e integrada na alma do povo. Entrando como elemento novo, como luz e sal, na matriz mesma do pensamento de onde surgem as interrogações sobre os problemas fundamentais da vida do povo, a boa nova que tudo ilumina, tudo cura, corrige e transforma por dentro. Os esforços do missionário que se limitasse a raspar e a envernizar por fora as religiões pagãs ou as civilizações pós-cristãs, aplicando receitas preparadas por cristãos e para cristãos da cultura mediterrânea de séculos passados, a longo prazo se revelariam vãos e seriam engolidos pelo tempo.

Também a encarnação da mensagem, como aconteceu com a encarnação do Verbo, passa através do mistério pascal e sob um duplo aspecto: **por parte da mensagem** que, como vimos, deve despojar-se de seu esplendor externo adquirido nas outras culturas nas quais já se expressou, para poder assumir a nova cultura de maneira tal que esta não se sinta estrangeira; **por parte da nova cultura** que deve passar através a cruz da purificação para ressurgir em todo o seu esplendor na Páscoa da re-expressão.

4 — A re-expressão da Fé nos termos da própria cultura é o objetivo último de todo o processo da inculturação. Não se pode dizer que um povo seja plenamente cris-

tão até que este povo não se torne missionário de si mesmo. "Africanos, vocês são os missionários de vocês mesmos" foi o slogan de Paulo VI em sua visita à África, slogan que exprime mais um desafio e uma profecia do que uma realidade. A África está pegando na mão seu destino político (11) e a Igreja africana deverá tomar na mão a própria responsabilidade se não quiser ser devorada pelas forças da História. Os cristãos africanos mais lúcidos estão bem conscientes do momento histórico que estão vivendo. Eles falam da necessidade de uma revolução copernicana e propõem mesmo um Concílio ou Sínodo africano que deveria marcar a virada no sentido indicado por Paulo VI e vencer assim a "distância histórica" e a "distância cultural" do cristianismo em seu continente (12).

Não se trata de construir uma Igreja americanizada ou africanizada e assim por diante, mas uma Igreja americana, africana, asiática, chinesa, etc. Com uma teologia africana (não africanizada), chinesa, sul-americana, etc. Igualmente com uma liturgia africana, etc. (13).

Pressupostos

A inculturação torna-se possível graças ao conhecimento e à aceitação de algumas verdades que, embora antigas, se fazem particularmente presentes hoje na consciência da Igreja, e na reflexão religiosa da humanidade. Uma constatação fundamental é que se os homens são diferentes pela cultura, **são iguais pela natureza**. Daí se segue que a experiência religiosa

na sua origem de cada homem existe também o mesmo Deus único e verdadeiro que nos criou a todos com tensão para Ele.

Em cada homem, na zona mais profunda de seu ser, onde ele se encontra só e pode exprimir-se em plena liberdade, acontece ou pode acontecer a epifania de sua criaturidade e conseqüente descoberta do Criador, com o qual se pode comunicar. É a descoberta da ligação ontológica (na ordem do ser) que se torna relacionamento dialógico).

Esta experiência pessoal do Deus vivente é a matriz de cada religião que, por seu caráter social, vai além do nível estritamente privado, e exprime-se em modelos culturais de grupo, dinamizando-os e transformando-os, enquanto sofre deles enorme influxo em seu modo de exprimir-se e estruturar-se. A experiência religiosa anônima pode estar presente também nas culturas atéias, como, por outra parte, o ateísmo pode estar presente nas estruturas religiosas (14).

Ora, nesta experiência religiosa universal existe uma espera anônima de Cristo, o qual já está presente de forma misteriosa em cada homem, também se o homem não o sabe. As religiões são tentativas coletivas mais ou menos vitoriosas de estruturar e institucionalizar a busca e a experiência do Deus escondido (cfr. Atos 17, 27).

Cada povo e cada religião — não somente o povo privilegiado do qual saiu o Messias — tem a sua história sagrada. E como todas as religiões, assim também o cristianismo se desenvolveu e estrutu-

rou. Quanto mais se vai à origem, tanto mais fácil se torna a comunicação e a mútua compreensão. Como teria sido absurdo dirigir a mensagem evangélica ao povo hebreu fora de sua história, de sua legislação, de seu patrimônio cultural religioso, assim é absurdo pretender evangelizar em profundidade qualquer outro povo sem conhecer sua história, sem respeitar e integrar seu patrimônio cultural e religioso.

Se em seu seio já está presente o Verbo cuja luz ilumina a todo o homem, a missão do evangelizador é anunciar que o Cristo está presente e operante no meio deles, e pregar a conversão não propriamente à instituição cristã, mas ao Cristo. É muito mais fácil para eles aceitar o Cristo do que o cristianismo (Cristo + cultura), embora não seja fácil para o evangelizador distinguir claramente aquilo que é parte essencial da Revelação, daquilo que é revestimento cultural e condicionamento histórico da linguagem da Fé (15). Aqui porém devemos considerar outro fator: o Espírito Santo não está somente na origem da revelação cristã, mas está presente em cada geração e em cada povo que não cessa de pôr-se interrogações sempre novas, diante das experiências que a história lhe reserva.

Os novos problemas e as novas interrogações não podem ser resolvidas com respostas antigas formuladas em contextos diferentes e numa linguagem tirada de uma cultura desconhecida. Mas o Espírito está aí para iluminar de uma forma sempre nova com uma linguagem sempre inteligível a mente

daqueles que procuram o desígnio de Deus sobre eles.

É claro que este modo de se comportar, indispensável para uma inculturação da mensagem, exige fé no Espírito e fé no homem. Acreditar que em cada pensamento humano existe uma centelha daquela luz que se desprende do Verbo.

E esta fé leva a uma indispensável atitude de diálogo verdadeiro, capaz de colocar-se à escuta, que leva o interlocutor a sério, que vê nas crenças e nos costumes do povo uma pedagogia do Espírito, com profundo respeito, com vontade de compreender e apreender. "Não haverá diálogo se a Igreja se assegura um lugar sobre o mundo e não no mundo. A Igreja não deve apresentar-se ao mundo como docente, pedindo só obediência, falando autoritariamente, mas deve procurar, com o mundo, como o mundo pode procurar a verdade; de outra maneira seu diálogo será um solilóquio" (16).

Diálogo de religiões não quer dizer somente falar uns dos outros, mas também uns com os outros. É colocar-se juntos à escuta da Palavra de Deus, transmitida pela tradição cristã e pela experiência religiosa dos povos, que fala na Bíblia e na realidade, e procurar juntos a interpretação de uma situação, de uma época, de um povo, de uma cultura, sabendo que cada povo é único na sua história, na sua cultura e nos seus valores espirituais de modo que pode oferecer uma contribuição original às expressões da Fé. É só quem sabe olhar com profundo respeito e sim-

patia as manifestações da vida cultural e religiosa de um povo que sabe compreender-lhe e penetrar-lhe a alma, que pode ser enviado a anunciar o Evangelho.

O cristianismo representa uma maneira única de colocar-se em contato com Deus, com os outros e com o mundo, porque Cristo é único e revelou-nos de modo pleno e definitivo o Deus único e verdadeiro. Mas de nenhum modo se atribui a exclusividade da verdade e dos valores. Por sua parte o magistério não se propõe nunca deter o pensamento humano, amarrar a Igreja ao passado e incapsular o futuro. Menos ainda pretende ligar o cristianismo a um determinado regime social e político (17).

Conseqüências

Estamos vivendo um **kairós** único na história milenária do cristianismo. Parece que a Igreja e a humanidade estejam preparadas para uma inculturação da mensagem cristã no mundo ainda não cristão e por uma re-inculturação no mundo pós-cristão. É o ponto de partida, a primeira estrada da Igreja é o homem, que deve ser alcançado pela mensagem em seu contexto, em seu caminho, como os discípulos de Emaús. Assim também a cultura, no núcleo de seus valores, transforma-se em objeto e sujeito de evangelização. A Igreja que não está amarrada a nenhuma cultura, vive e se realiza em cada cultura, assume uma configuração particular, local, situada, não exportável.

O pluralismo teológico, litúrgico e pastoral torna-se uma necessida-

de, na valorização do pensamento, da religiosidade popular, das expressões simbólicas da cultura local. É o fim da apresentação monolítica do pensamento cristão e da práxis religiosa.

Também a formação do evangelizador será repensada como consequência. Não deve ser separada da vida e da cultura do povo. A pastoral deverá acentuar os pontos essenciais da mensagem. Dar mais importância à lâmpada do que ao lampadário, mais ao Cristo "luz das gentes", do que à religião cristã.

Isto não significa em absoluto uma transigência nas exigências da mensagem cristã diante da mentalidade mundana que, em fim de contas, é condenada também pelas melhores religiões pagãs. Se a mentalidade de um povo, por exemplo, baseia tudo sobre o prestígio, sobre o status da pessoa medida mais pelos títulos do que pela sabedoria, sobre a magnificência e grandiosidade das empresas, seria trair o Evangelho embarcar neste espírito. Jesus nos alertou contra o espírito dos príncipes deste mundo. Não se pode ceder sobre os valores evangélicos para colocar-se ao lado de quem, por falta de valores humanos, dá mais importância ao ter que ao ser.

A este propósito, parece que estejam mais próximas de uma visão cristã as culturas dos povos menos desenvolvidos, do que aquelas do mundo industrializado, minado pela base por uma visão atéia da vida e das coisas. A cultura européia que ocidentalizou o cristianismo, afastou-se sempre mais da perspec-

tiva cristã e representa um verdadeiro desafio a sua recristianização. A inculturação é de uma importância decisiva para a evangelização dos povos no momento histórico que vivemos a ponto de constituir tarefa prioritária inadiável da Igreja. Cabe a cada igreja

local e a cada grupo missionário repensar a própria pastoral dentro deste novo horizonte cheio de desafios e promessas, e encontrar os caminhos da aplicação concreta para cada cultura particular, seja no mundo não ainda cristão seja no mundo que já foi cristão.

NOTAS

(1) Coletânea S. C. PROPAGANDA FIDE — I, p. 42, nº 135. (2) cfr. também CT, nº 53. (3) DAWSON, C. — “Religion and Culture”, apud B. Mondin, “L'uomo, chi é?” Massimo, 1975, Milão, p. 199. (4) “Summi Pontificatus”, 1939. (5) cfr. Pe. NOVARINO BRUSCO: “O exercício do ministério camiliano no Brasil” no CIC, nº 138 (julho-agosto 1981) p. 297 — 308. (6) Teólogos de hoje reagem fortemente contra essa segurança acrítica que acham um tanto desrespeitosa para com as pessoas de culturas diferentes: “Eu gostaria... de esforçar-me para evitar constantemente, o quanto possível, mal-entendidos e dificuldades inerentes à formulação da fé, para que a fé cristã não se torne para as pessoas, mais pesada do que necessário, para que este peso seja o peso da fé e não o peso que teólogos preguiçosos e antiquados lhe acrescentaram. (Rahner, “Il peso della fede non sia il peso dei teologi” in “Settimana 26, 25 julho 1981 e in “Regno-documentazione” — julho 1981, 364-372). (7) Paulo VI, 1974. (8) O termo circulava já em diversos ambientes desde 1972. Segundo Congar, foi no Japão que se deu a mudança de terminologia, passando de “aculturação” para “inculturação”. Cfr. Jesus Lopez Gay, *Pensiero attuale della Chiesa sulla inculturazione*, in “Inculturazione”, *Centrum Ignatianum Spiritualitatis*, 1979, p. 34. (9) O núcleo deste processo foi apresentado por Mons. Zoe, do Camerum, no Sínodo dos Bispos de 1974. (10) M. Ricci há quatro séculos foi missionário frequentando primeiro, por anos, a escola dos sábios da China, vestindo-se como eles, adotando seu estilo de vida e também seus famosos ritos, para compreender sua

cultura, sua visão do mundo, sua religião. Dizia preferir tornar possível o batismo a milhões de chineses mais tarde, do que batizar logo alguns milhares. Condenado pela igreja de seu tempo, nos séculos posteriores foi reabilitado e no ano passado foi apontado como exemplo aos missionários: “O jesuíta Mateus Ricci compreendeu e apreciou plenamente a cultura chinesa desde os inícios e seu exemplo deveria servir de inspiração a muitos” (João Paulo II, discurso às comunidades chinesas da Ásia, Manila, 18.2.81). Na celebração do 4º centenário em Macerata, sua cidade natal, estava presente também o embaixador da China Popular junto ao governo italiano. Ele exaltou o grande contributo do missionário jesuíta, definindo-o como o homem que abriu a China ao Ocidente e o Ocidente à China (cfr. “Civiltà Cattolica, 1980, III vol.) (11) Cfr. JOSEPH KI-ZERBO, “Histoire de l'Afrique Noire”, Librairie A. Hatier, Paris, 1978, especialmente p. 618-674. (12) cfr. “Pour un Concile Africain” Bulletin périodique, Documents du Colloque d'Abidjan: Civilisation Noire et Eglise Catholique, 12-17 Septembre 1977, Editions Présence Africaine. Veja em particular as intervenções de O.B. Kweshi e Boulaga, e as recomendações dos grupos de reflexão. (13) No livro citado, alguns africanos propõem até de fechar, por um certo período (5 anos) a torneira da ajuda em pessoas e dólares do Ocidente, para favorecer a decolagem da igreja local com autonomia de movimento no setor econômico, organizativo, e também cultural e teológico (cfr. sugestões do Pe. Ngongo (p. 35-36) e das comissões de estudo (mais moderadas) p.

37-38. (14) cfr. R. FERRAZZO, "La teologia delle religioni secondo Wladimir Boublík, P.U.L., Roma, 1981. (15) A religião cristã se apresentou (nas missões) como uma religião inculturada no mundo mediterrâneo e a opção por Cristo implicava a aceitação do mundo religioso, cultural, e às vezes político, europeu (cfr. R. Ferrazzo, o.c. p. 103, nota 33). (16) CARD. WOYTILA, na 106ª congregação geral do Vat. II, 21.10.1964. (17) O Presidente da Tanzânia, Nyerere afirma que o socialismo africano não é ateu e só pode criar dificuldade ao pensamento tradicional (e europeu) da Igreja, mas não ao cristianismo em si. Crê que os possíveis conflitos nasçam ao nível das instituições e não das pes-

soas; conclui que o problema surge por razões históricas: a Igreja é ainda governada no nível político por líderes e membros ligados a uma mentalidade do mundo capitalista. Não vê dificuldade de ela colaborar também com o mundo socialista, como o fez tão bem com os países capitalistas. cfr. M. Julius K. Nyerere, *La Chiesa nel contesto del socialismo*, in "Regno 440 (9 / 1981) cfr. também seu livro: *Ujamaa, Essays on Socialism*, Dar es Salaam, Oxford Un. Press, 1968, 1977, especialmente o capítulo: "The Purpose is Man" p. 91-105: "The growth must come out of our roots, not through the grafting on those roots of something which is alien to our society" (p. 72).

João Paulo II

Toda a obra da Igreja, que tão providencialmente persuadiu e começou o Concílio Vaticano II, não se pode realizar senão no Espírito Santo, isto é, graças à Sua luz e à Sua força.

Estruturas e carisma

As estruturas são indispensáveis e necessárias em todo grupo humano. Devem favorecer o crescimento das pessoas e manifestar o carisma na sua época.

Caminhar contra a história

Muitos se mostram inquietos enquanto não se aprovam as Constituições definitivas, sem se darem conta de que, em um mundo dinâmico e evolutivo, somente caminhando contra a história é que se pode fazer algo de definitivo.

Aculturação

O encontro amigável da Igreja com as culturas. Exigem-se adaptação, abordagem benévola e respeitosa, condescendente convivência pacífica. No fim, integração do evangelizando no mundo cultural do evangelizador.

Utopia

O missionário foi descrito por Cristo como o homem sem casa, o viajante sem malas, o apátrida cultural. Esvaziamento pessoal e libertação de todo modelo cultural.

OS REDENTORISTAS: 250 ANOS DE FUNDAÇÃO

“A contribuição de Santo Afonso para o aprimoramento da reflexão teológica em matéria de Moral foi seu senso crítico de um verdadeiro especialista em leis, seu próprio e pessoal senso de humanidade, além dos dons consequência de sua santidade pessoal”.

Pe. Luís Kirchner, CSSR

Manaus, AM

1982 é um ano jubilar para os Redentoristas. 250 anos de fundação. Se nós nos perguntarmos quem são os Redentoristas, o que eles têm feito, as respostas poderiam ser das mais diversas. No trecho Rio-São Paulo e no sul de Minas, Redentoristas são o Santuário de Aparecida. Para outras regiões (Curitiba, Belém, Manaus) são a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em quase todo o território nacional, são os pregadores das Santas Missões.

A Congregação do Santíssimo Redentor é uma das maiores do Brasil, entre os Institutos masculinos. Nomes de influência ou projeção são poucos atualmente. Poderíamos citar um Jaime Snoek no campo da moral, ou um Vitor Coelho no setor de Rádio. Mas é claro que os Redentoristas estão prestando seu serviço tanto em setores centrais da vida religiosa nacional, como em inúmeros lugares pouco conhecidos.

Na verdade, parece que o “jeito” do redentorista não é estar nos centros de decisão. Isso é um pouco da marca da “Abnegação” que lhe é pedida na pequena cartilha do fundador chamada “Genuíno Redentorista”. Seu “jeito” é estar mais entre os pobres, por quem a Congregação fez opção e não em pontos de destaque; assim não é de estranhar que poucos sejam conhecidos e sim o nome do grupo. Ao passarem 250 anos, o que podemos dizer de sua presença? Qual a contribuição que a Congregação do Santíssimo Redentor tem dado para a vida religiosa?

A resposta a qualquer uma destas perguntas tem de começar com a pessoa de seu fundador — Santo Afonso Maria de Ligório, doutor da Igreja. Afonso de Ligório nasceu no fim do século 17 (1696) de uma família nobre de Nápoles. Depois de uma experiência nos tribunais, como advogado, Afonso abandonou a lei dos homens para dedi-

car-se totalmente ao Evangelho. Ordenado sacerdote, atuou na vanguarda dos movimentos e associações de seu tempo. Uma nova idéia foi aos poucos se delineando em sua vida. Essa nova inspiração teve a participação de uma freira mística, Irmã Maria Celeste Crostarosa. Ela lhe dizia ter tido uma revelação de que Deus o estava chamando para fundar uma nova família religiosa na Igreja.

A experiência que marcou a “nova idéia” de Afonso foi um retiro que fez fora da capital, na zona rural. Era ainda jovem sacerdote. Durante os dias de retiro pôde conviver com os camponeses do local. Ficou profundamente tocado com a ignorância e total abandono religioso em que viviam aqueles camponeses. E é bom lembrar que, no reino de Nápoles, com uma população de 500.000 habitantes, 30.000 pessoas pertenciam ao clero!

Foi nesse contexto que a “nova idéia” tomou vulto. A base foi seu amor radical à pessoa de Cristo — marca de qualquer fundador. Mas aqui nasce sua inspiração singular: **SEGUIR JESUS CRISTO**, anunciando o Evangelho aos pobres e mais abandonados. Hoje em dia, esta colocação não nos chega com o impulso e radicalismo daquela época. O “seguir Jesus” de Afonso contém uma noção quase sacramental. Os membros de seu novo Instituto seriam uma presença da pessoa de Cristo aqui e agora, trazendo uma copiosa redenção aos homens.

Como moralista ele ajudou a formar as consciências do mundo ca-

tólico; mas a intenção de Afonso foi sempre a de levar o amor de Deus aos homens e vice-versa. Seu senso crítico e capacidade de discernimento o levaram a rebelar-se contra um falso elitismo que não se preocupava com o “povão”. O evangelho deve ser acessível a todos.

Não houve área de teologia ou ciências sagradas que escapasse à pena de Afonso, que publicou as mais diversas obras, desde o seu monumental trabalho sobre Teologia Moral até simples folhetos. Obras sobre Oração e Maria mudaram o rumo do Catolicismo oficial. E tudo isso enquanto pregava milhares de missões e era bispo de uma diocese. Nenhuma outra congregação da Igreja até hoje possui um fundador que deixou uma herança escrita tão grande e rica quanto Afonso. Menos de um século após sua morte, foi declarado Doutor da Igreja.

Ulpiano Lopes, S.J., da Universidade Gregoriana, escreveu: “A contribuição de Santo Afonso para o aprimoramento da reflexão teológica em matéria de Moral foi: seu senso jurídico de um verdadeiro especialista em leis, seu senso prático de pregador e missionário, seu próprio e pessoal senso de humanidade, além dos dons de discernimento, consequência de sua santidade pessoal. Ele é o verdadeiro fundador da teologia moral moderna”.

Um resumo ou retrato de sua motivação inicia-se com seu amor profundo para com um Deus Salvador, amoroso, um Deus de Misericórdia, que faz uma proposta aos

homens. Os homens descobrem esse chamado de amor através de uma admiração que se revela em toda a criação. Neste ponto Afonso herdou muito de São Francisco de Sales. Mas o ponto alto dessa admiração vem na pessoa de Cristo, o Filho Único que o Pai enviou. No mistério da Encarnação e da Paixão o homem reconhece o amor de Deus que transforma a vida dos homens, oferecendo-lhes a salvação. Encarnação e Paixão estarão muito presentes na devoção do Presépio e da Via-Sacra que ele difundiu.

Na Eucaristia, Afonso descobriu outra manifestação desse amor e nasceram as conhecidas "Visitas ao Santíssimo". Seria uma pena, entretanto, reduzir a luz e originalidade desse pensador cristão, que educou o mundo católico no fim do século 18 e 19, a um mero promotor de devoções populares. É aqui que se nota uma parte importante da visão e do carisma de Afonso: a salvação e a graça de Deus são destinadas a todos os homens. O evangelizador tem de ser um comunicador que usa todos os meios para que a mensagem divina chegue até as pessoas mais simples e humildes.

A proposta inicial da parte de Deus, conseqüentemente, dirige-se a todos os homens. Chama a todos (e não apenas os religiosos, como foi o pensamento comum da época) a serem santos; ser santo será a sua **RESPOSTA** ao convite divino. Para isso existem dois pré-requisitos: a Fé que esse homem deposita em Deus, que lhe dá seus dons e se dá a si mesmo. Afonso

coloca o ato de fé como uma adesão pessoal a Cristo (termos que poucos teólogos da época usaram). O bom italiano, Ligório, não se interessava em criar apenas respostas intelectuais, mas sim, gerar sentimentos de adesão no ato de fé. Uma fé que só motiva a inteligência seria uma fé morta para ele.

Outro pré-requisito é a **Esperança**, que significa confiança na Redenção de Cristo; no fundo é um ato de amor. Numa época de jansenismo e severo rigorismo, a mensagem de Afonso trouxe alívio e conforto às almas presas pelo conceito de um Deus tido como "durão". A pessoa que busca a Deus, para ser santa, deverá unir sua vontade à vontade de Deus. Existem dois meios que Afonso recomendou para conseguir e viver essa vocação. Primeiro, a **Pureza de Intenção**, que é fortalecida e mantida pela força da oração.

O outro é o **DESAPEGO** (**DIS-TACCO** = uma palavra rica, carregada de vários sentidos, que tornou-se importante no pensamento e posição teológica de Afonso). Aqui, para simplificar, podemos definir o **desapego** (**distacco**) como desprendimento de si ou uma auto-aniquilação, no sentido da palavra "kenosis" (Cfr. Fil. 2,6-11), que deixa uma pessoa numa situação de radical abertura e total disponibilidade para todas as opções que apareçam, com exceção do pecado. Um exemplo de **desapego** (**distacco**), na prática, é Jesus assumindo o compromisso no Jardim das Oliveiras, quando toda sua natureza humana está contra. Mas Jesus obedece e segue em frente.

Chegando até este ponto, o Cristão, segundo Afonso, atingirá sua CONFIGURAÇÃO com o Cristo. O que vale para o cristão vale para o grupo que Afonso queria fundar. O Redentorista, em especial, seria — segundo M. Crostarosa, a religiosa da revelação — a MEMÓRIA VIVA de Cristo, isto é, a presença atual de Cristo no mundo. Isso em sentido análogo ao que “memória” possui, quando aparece nas palavras da Consagração: “Fazei isto em Memória de Mim”: um existencial “tornar presente”, um reatualizar de forma viva.

O redentorista deve viver, o mais exatamente possível, nos moldes de seu Salvador. Para expressar externamente essa transformação interior, deverá praticar as mesmas virtudes de Jesus. Daí nasceu a prática das virtudes mensais, isto é, em cada mês uma das virtudes de Cristo. Contra toda a lógica e toda a política do tempo, quando grupos como os jesuítas estavam sendo supressos, Afonso conseguiu permissão, tanto do Rei de Nápoles, como do Papa, para fundar oficialmente seu sonhado Instituto, que pregaria o Evangelho para as pessoas mais abandonadas.

É interessante notar que, em termos de vida religiosa, contrapondo-se à idéia reinante na época, Afonso não entendeu seus conventos como um fugir-do-mundo. Geralmente localizados no interior, ou zona rural, facilitavam o acesso do povo! Muitos rezavam com os padres; ali se promoviam retiros e outros exercícios espirituais para a gente da roça, além de haver atendimento ao clero e às lideranças

locais. A expansão e o crescimento dos Redentoristas foi outro milagre, graças à sólida orientação de seu fundador que passou mais de meio século implantando sua visão.

Em termos de Brasil, o que os Redentoristas têm feito e qual a sua contribuição? Como já vimos, os Redentoristas são um grupo de padres e irmãos leigos, que procuram sua santificação (seguir Jesus Cristo) através do apostolado (anunciando o Evangelho aos pobres).

Marcados pela espiritualidade afonsiana, o redentorista retém o conceito de um Deus Amor, Misericórdia (Hessed): Encarna isso, p. ex. na pastoral da reconciliação: é um confessor. Está aí para atender a muitos necessitados de encontrar alguém que os acolha pessoalmente em sua volta para Deus. Pelo mesmo motivo — o Deus Amor — sente necessidade de levar essa boa notícia aos homens, através da pregação explícita da palavra de Deus: o redentorista é um “pregador profissional”.

Ainda influenciado pela mesma idéia, o redentorista vê na Eucaristia mais uma “loucura” do Amor. Daí sua convocação das pessoas e incentivo a virem celebrar e adorar o Deus presente na Eucaristia, como amigo fiel que deve ser seguido. “Sem oração, não há salvação” (S. Afonso). O redentorista, mesmo por experiência pessoal, sabe da necessidade da conversão contínua. Por isso, o grande incentivo à prática da Oração.

Enfim, Nossa Senhora. Não é apenas uma devoção particular ou piedosa. Ela é vista como a Co-

Redentora. O redentorista encontra em Maria alguém que leva os homens ao Cristo. Como acreditar na Encarnação do Verbo, sem a presença daquela que deu seu Sim radical ao Plano Salvador de Deus? Como pode Jesus renascer na minha vida sem a presença dela?

Foi com essa plataforma de serviço na Igreja que os Redentoristas chegaram ao Brasil. Uma das suas primeiras fundações foi em Aparecida do Norte (SP), em 1894. Depois seguiram-se muitas outras, em vários pontos do país, do norte ao sul. E que trabalho eles realizaram? Quais os sinais de sua presença? Vamos indicar alguns.

De maneira geral, a característica é a pregação explícita da palavra de Deus, numa pastoral extraordinária, dirigida aos mais carentes do evangelho, como opção preferencial para os mais pobres.

O primeiro exemplo é o Santuário Nacional de Nossa Senhora em Aparecida, que acolheu até um peregrino especial: João Paulo II. Oito milhões de pessoas visitam Aparecida anualmente (católicos praticantes, católicos de rótulo, ou mesmo simples turistas). Cientes de todas as críticas e queixas quanto a esse tipo de trabalho, os Redentoristas querem ser um grande elo, que liga vários elementos: Jesus-Evangelho-Maria (que é nossa e do povão ao mesmo tempo); povo carente e marginalizado (muitas vezes marginalizado da própria ação pastoral de igrejas tradicionais e modernas); semente de futuro; sociedade mais fraterna.

O mesmo fenômeno ocorre nos outros trabalhos afins: outros san-

tuários, a devoção da Novena Perpétua espalhada pelo Brasil, as missões populares, a animação de movimentos como o Cursilho, GEN, movimentos Carismáticos e outros. Na verdade, nisso tudo há bem mais que mero sentimentalismo religioso. Há o trabalho de catequese a nível popular, especialmente em paróquias cuidadas por eles. Às vezes nos surpreendemos em saber que grandes nomes do pensamento teológico e pastoral do Brasil de hoje foram batizados e educados em tais ambientes "redentoristas".

Outro meio de evangelização: as Missões populares (Palavra de Deus ao alcance de todos). Não conseguimos atender a todos os pedidos que nos são feitos. As Missões são pedidas não com vistas a promover movimento de massa, mas como um grande auxílio na própria organização das paróquias, através da criação de grupos-setores-enucleações que facilitem a formação de CEBs.

Os Redentoristas têm se dedicado também à pastoral através dos meios de comunicação. Seja pela imprensa: edições de livros populares, folhetos (o boletim dominical DEUS CONOSCO foi um marco decisivo para a introdução da Missa dominical em folheto, numa escala nacional); a Novena NATAL EM FAMÍLIA, espalhada por todo Brasil — 2.800.000 cópias na última tiragem — surgiu do esforço em procurar manter vivos e atuantes os grupos de oração formados pelas missões populares, e de onde se originou mais tarde a

(continua na terceira capa)

NOVIDADE Nº 2

LIBERTAR: DESAFIO DA EDUCAÇÃO

Publicações CRB. Ano 1982. Páginas 144.

Preço: Cr\$ 480,00

Frei Antônio Moser, OFM

Pe. Cleto Caliman, SDB

Pe. Rogério Ignácio de Almeida Cunha, SDB

Adquira. Leia. Divulgue. Escola Libertadora? Ou Escola Evangelizadora? Ou simplesmente Escola Integradora? Você já fez a sua escolha? Este livro ajuda a não errar. Indica a escolha certa. Peça à CRB NACIONAL ou na sede de sua REGIONAL DA CRB.

NOVIDADE Nº 3

FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA HOJE

Publicações CRB. Ano 1982. Páginas 120.

Preço: Cr\$ 450,00

Frei Clodovis Boff, OSM

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Pe. Carlos Palacio, SJ

A formação é uma tarefa só de um(a) religioso(a)? Ou é tarefa só de um grupo particular? Por que Você é chamado(a) a ser formador(a)? Quem pode se considerar já formado(a)? Este livro ajuda a responder corretamente a estas e a outras perguntas. Peça à CRB NACIONAL ou na sede de sua REGIONAL DA CRB.